

De todos nós,

cartas a Paulo Freire

Simone Braz Ferreira Gontijo
Juliana Parente Matias
(Org.)

EDITORA



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE BRASÍLIA

REITORA

Luciana Miyoko Massukado

PRÓ-REITOR DE GESTÃO DE PESSOAS

José Anderson de Freitas Silva

PRÓ-REITORA DE ENSINO

Veruska Ribeiro Machado

COORDENAÇÃO DE PUBLICAÇÕES

Mariana Carolina Barbosa Rêgo

PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO E CULTURA

Paulo Henrique Sales Wanderley

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Sandra Maria Branchine

PRÓ-REITORA DE PESQUISA E INOVAÇÃO

Giovanna Megumi Ishida Tedesco

PRÓ-REITOR DE ADMINISTRAÇÃO

Rodrigo Maia Dias Ledo

REVISÃO

Certifique-se: soluções acadêmicas

CAPA E DIAGRAMAÇÃO

Espaço PertenSer: produções criativas

EDITORA



Reitoria – SGAN Qd 610, módulos D, E, F, G
CEP: 70860-100 Brasília-DF
www.ifb.edu.br
Fone: +55 (61) 2103-2108
editora@ifb.edu.br

2021 Editora IFB



A exatidão das informações, as opiniões e os conceitos emitidos nos capítulos são de exclusiva responsabilidade dos autores. Todos os direitos desta edição são reservados à Editora IFB. É permitida a publicação parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte. É proibida a venda desta publicação.

D278 De todos nós, cartas a Paulo Freire / Simone Braz Ferreira Gontijo,
Juliana Parente Matias, organizadoras. – Brasília: Editora
IFB, 2021.
81 p.: il.

Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-64124-76-9

1. Escrita criativa. 2. Cartas. 3. Paulo Freire. 4. Pandemia.
5. COVID-19. I. Gontijo, Simone Braz Ferreira. II. Matias, Juliana
Parente. III. Título.

CDU 808.1:37

Brasília, 01 de março de 2021.

Querido mestre Paulo Freire,

Beto Guedes canta que “quando entrar setembro e a boa nova andar nos campos; quero ver brotar o perdão onde a gente plantou”.

Olha que esperarçar maravilhoso!
Brotar o perdão!

Sinal de que ele foi semeado, não é mesmo? Mas preciso te dizer que nem sempre foi em terreno fértil. Foi preciso trabalhar na acidez do solo com paciência e perseverança e estar pronto para ver os frutos como eles são e não como nós os queremos.

Nós sonhamos construir um presente para você, um presente que semeasse ao vento nossos sentimentos e emoções, no qual pudéssemos imprimir nossa voz.

Entregamos a você esse livro de cartas como presente pelo seu centenário.

**A LIÇÃO SABEMOS DE COR
SÓ NOS RESTA APRENDER**

Simone Braz Ferreira Gontijo
Juliana Parente Matias

SUMÁRIO

POESIA A PAULO FREIRE <i>NATHÁLIA LAYSSA MELO CORREIA</i>	09
PALAVRAS E SENTIMENTOS PARA PAULO FREIRE <i>MICHAEL BORGES SANTOS</i>	11
NOVA REALIDADE <i>ISABELY BATISTA FERREIRA</i>	14
QUERIDO PAULO FREIRE <i>ISABELY BATISTA FERREIRA</i>	16
NOVA POESIA A PAULO FREIRE <i>NATHÁLIA LAYSSA MELO CORREIA</i>	17
CARTA A PAULO FREIRE <i>RÍVIA HILLARY DE SOUSA RODRIGUES</i>	19
UM RELATO PÓS-PANDEMIA PARA PAULO FREIRE <i>ALIRRANA ALVES DOS SANTOS</i>	22
CARTA AO MESTRE <i>AMANDA BANDEIRA DE ANDRADE</i>	24
CARTA ENVIADA A PAULO FREIRE <i>FRANCISCO FERREIRA DE SOUZA</i>	27
CARTA DE AGRADECIMENTO <i>AMANDA BANDEIRA DE ANDRADE</i>	29
UMA CARTA A PAULO FREIRE <i>ARIANA FARIAS RAMOS</i>	31
CARTA DA ESPERANÇA <i>ARIANA FARIAS RAMOS</i>	33
A EDUCAÇÃO E A ORGANIZAÇÃO BRASILEIRA EM TEMPOS PANDÊMICOS VISTA DA PERSPECTIVA DE UM PROFESSOR EM FORMAÇÃO <i>DANIEL RODRIGUES FERNANDES</i>	35

SUMÁRIO

CARO PAULO FREIRE <i>MICHAEL BORGES SANTOS</i>	39
DE UM APAIXONADO PARA PAULO FREIRE <i>NÉZIO FABIANO TELES DA SILVA</i>	41
ALÔ, ALÔ, PROFESSOR PAULO FREIRE <i>RITA DE CASSIA DA SILVA REIS</i>	45
CARTA AO AMADO MESTRE <i>MARIANA ROCHA FORTUNATO</i>	50
CEM ANOS DE PAULO FREIRE E A LEITURA DO MUNDO PÓS-PANDEMIA <i>HEULA TÍSSIA A. M. DE ALMEIDA</i> <i>MARCIA PEREIRA DA SILVA</i>	53
DE ANINHA PARA O MESTRE <i>JULIANA HARUMI CHINATTI YAMANAKA</i>	58
CARTA ABERTA A PAULO FREIRE <i>LEONARDO MENDES</i>	60
REFLEXÕES A PAULO FREIRE <i>MURILO EDUARDO DE SOUZA NASCIMENTO</i>	63
POEMA DEDICADO A PAULO FREIRE <i>LÉIA MOREIRA MARQUES</i>	66
QUERIDO MESTRE <i>LÉIA MOREIRA MARQUES</i>	67
MENSAGEM PARA O MESTRE <i>KAMILLA MIZUNO</i>	68
DIÁLOGO SOBRE CIÊNCIA NUMA TARDE DE CHUVA <i>GEOVANE CÉSAR DOS SANTOS ALBUQUERQUE</i> <i>RENATO CÉSAR CANI</i>	71
NOTÍCIAS A PAULO FREIRE: SOBRE A BONITEZA DO MUNDO <i>WELLINGTON PEDRO DA SILVA</i>	76

INTRODUÇÃO

Escrever cartas é um hábito milenar que envolve compartilhar emoções e resgata humanidades. Com a chegada das novas tecnologias nos reinventamos, adquirimos novos hábitos e a escrita de cartas foi ficando na memória de alguns e tornando história para outros.

As cartas, consideradas um processo de escrita criativa, configuram-se como uma proposta de comunicação dialógica em função da liberdade de expressão que apresentam, pois, mesmo havendo um roteiro estabelecido, os estudantes puderam expor suas ideias sem muitas interferências.

O processo da escrita criativa da carta tem como ideário dar voz aos sujeitos por meio da palavra escrita, tão formalizada no âmbito acadêmico. Traz o sentido da fruição artística de Cândido (2011), no qual o direito à literatura não reside apenas no consumo de bens de leitura, mas em sua criação. Ele afirma que

[...] a produção literária tira as palavras do nada e as dispõe como todo articulado, este é o primeiro nível humanizador, ao contrário do que geralmente se pensa. A organização da palavra comunica-se ao nosso espírito e o leva, primeiro, a se organizar; em seguida, a organizar o mundo (CANDIDO, 2011, p. 177).

Isso se dá numa perspectiva de fomento à consciência crítica do sujeito, na “representação das coisas e dos fatos como se dão na existência empírica. Nas suas correlações causais e circunstanciais” (FREIRE, 1967, p.105), como foi a produção das cartas a Paulo Freire.

As cartas são instrumento de fruição artística e de fazem parte de uma certa “cultura de fronteira” dentre as produções acadêmicas (BOSI, 2002).

Assim, as cartas presentes neste livro valorizam mais os elementos comunicacionais do que o rigor científico da academia. Representam a fruição artística de seus autores em diálogo com Paulo Freire.

Nesse sentido, estudantes, professores e técnicos foram convidados a escrever cartas a Paulo Freire tratando do momento histórico que estamos vivendo, isto é, a pandemia do Covid-19. Nas cartas, os remetentes expõem suas percepções como sujeitos históricos inseridos nesse contexto, tanto de si quanto do outro, pois a conscientização “não pode existir fora da práxis, ou seja, fora do ato ‘ação - reflexão’”. Essa unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser, ou de transformar o mundo, e que é próprio dos homens” (FREIRE, 2016, p. 56-57).

Simone Braz Ferreira Gontijo
Juliana Parente Matias

POESIA A PAULO FREIRE

Brasília, 24 de fevereiro de 2021.

Querido Paulo Freire,

A pandemia se iniciou, e logo tudo mudou. Planos, metas, sonhos, percepções. Algo tão distante, passou a ser a realidade constante de quem até aqui (graças a Deus) chegou.

A educação se adaptou e o ensino tradicional passou a ser via computador. Ironia do destino que só quer brincar com a gente. Faz da vida o que quer, e das pessoas constantes aprendentes.

Paulo Freire, professor, se ensinar exige respeito aos saberes do educando, é apenas vivenciando, aprendendo e ensinando que eu entendo o que isso tudo realmente quer dizer.

Na pandemia a mudança fez morada. Mudança de casa, de jeito, de percepção... Mas o que importa é o quão disposta eu estive a assumir as diferenças e a abraçar o meu irmão.

Em todo esse caos, a leitura do mundo, que precede a leitura da palavra, se instaurou. A ciência da experiência usou, conseguindo obter a vacina tão esperada e mostrando que seus conceitos, Paulo Freire, são tão vivos quanto as memórias de quem saudade deixou.

A realidade de muita gente atualmente mudou, o emprego que era certo, e, do nada, se acabou; a família que era completa e, do nada, alguém faltou; a fome que já existia, e, do nada, piorou; a saúde que era um caos, e, do nada, superlotou.

Pensar com criticidade em meio a pandemia trouxe uma nova veracidade, porque antes toda poeira era empurrada pra debaixo do tapete e, de repente, essa sujeira toda escondida fez um "boom" e se espalhou.

A fome, a sede, o choro, a dor, a perda, o medo, a saudade, a incerteza... Paulo Freire, o limite é toda dor que a pandemia causou, toda falta de estrutura que o governo nos apresentou.

As barreiras tentam limitar, mas a escolha precisa ser não paralisar. Estudar, trabalhar, exercitar, conhecer e reconhecer o novo para que assim todo aquele esforço "pouco" crie uma nova realidade boa para se viver.

Quando tudo isso vai passar? E quando passar, como será? Será que isso um dia vai passar? Será que vale a pena tentar recomeçar? Quando o desânimo bater, o que vai restar? Paulo Freire, enquanto faço a leitura de mundo e busco entender o que ainda não entendo, te agradeço por viabilizar que hajam tantos valiosos ensinamentos.

Se a educação muda o mundo e emancipa os aprendizes, gostaria de fazer da educação uma ferramenta de transformação em meio a todo esse período de crise. Para que a mudança se inicie, é preciso atitude modificadora, que mobiliza os indivíduos a viverem de forma transformadora.

Ao escrever tal carta, passei por uma grande experiência, e juntamente com seus escritos de Paulo Freire pude entender um pouco mais de sua essência.

Se educar exige alegria e esperança, viver em meio a pandemia exige a esperança de quem educa e a alegria de quem aprende algo novo.

Atenciosamente,

Nathália Layssa Melo Correia

PALAVRAS E SENTIMENTOS PARA PAULO FREIRE

Brasília, 24 de fevereiro de 2021.

Caro Paulo Freire,

Te escrevo esta carta para compartilhar minha visão sobre a atual situação educacional em nosso país, minha experiência no ensino superior e minhas expectativas acerca do contato com sua obra.

Atualmente, vivemos em uma situação atípica que gerou grandes mudanças em diversas áreas da sociedade, como na educação. O ensino remoto, ou a distância, virou a realidade de muitos estudantes, no entanto potencializou a desigualdade no acesso à educação.

Percebemos isso, por exemplo, ao verificar que apenas 57% da população do nosso país possui um computador em condições de executar softwares mais recentes ou que mais de 30% dos lares no Brasil não possuem acesso constante à internet, segundo pesquisas do IBGE (2019). Logo, se as tecnologias são aliadas para garantir a continuação dos estudos nessa situação, a falta de acesso a elas, automaticamente, prejudica nosso direito constitucional à educação.

Utilizando minha experiência pessoal como exemplo, tive algumas dificuldades, mas graças ao apoio da instituição que estou matriculado pude seguir com os estudos. Inicialmente, com a possibilidade do retorno às aulas em um formato remoto, refleti sobre prosseguir ou não, porque sabia das dificuldades a serem enfrentadas. Já que faço parte dessa parcela da sociedade sem acesso a um computador em casa, seria "irresponsabilidade" seguir sabendo que não teria condições.

No entanto, como dito, tive o apoio da instituição que estou matriculado e prossegui. Assim, vivenciei uma experiência que fortaleceu minha visão acerca do papel dos educadores na construção do conhecimento ao lado dos educandos.

No meu caso, os docentes envolvidos diretamente com minha formação fizeram muita diferença, demonstrando a afetividade, que é enfatizada em seu livro "Pedagogia da Autonomia".

Um dos capítulos desse livro, "Ensinar é uma especificidade humana", nos leva a refletir exatamente sobre determinadas temáticas no ato de ensinar, como o apoio, a compreensão e a afetividade, destacando a importância da abordagem do contexto social e econômico dos educandos. Outra discussão apresentada no livro é o desenvolvimento da autonomia no processo educacional pelos alunos - e essa foi uma das características desenvolvidas por mim nessa atual experiência educacional. Autonomia ao aprender e compartilhar conhecimentos para aprender, o que se torna extremamente importante em cursos de licenciatura (como o que estou matriculado).

Trazer o contexto social, econômico e, por que não, cultural para a sala de aula proporciona aos estudantes uma real integração da educação com sua realidade cotidiana, compreendendo que suas experiências formam parte e base para seu processo educativo. Somos seres ativos na construção de nosso conhecimento, nossas relações sociais e culturais fazem parte da nossa construção enquanto seres integrados a uma sociedade, responsáveis pela evolução humana.

As dificuldades dos estudantes devem ser levadas em conta, e os educadores enquanto mediadores do conhecimento devem proporcionar e incentivar a superação das situações-limite.

A superação de situações nas quais nos sentimos incapazes e desamparados envolve a evolução de nosso conhecimento, nossa evolução enquanto seres sociáveis, capazes de perpetuar o que aprendemos e de criar possibilidades para a construção do conhecimento por outras pessoas. E destaco isso porque venho ultrapassando - ou tentando ultrapassar - certas situações-limite.

Assim, percebemos a importância de uma educação problematizadora, defendida em sua obra, que envolve a curiosidade e o questionamento.

Nesse contexto hodierno da educação, algumas problemáticas aparecem, como quais serão as aprendizagens dessa experiência atípica, como o apoio e a solidariedade podem como um todo e como a discussão de temáticas como a equidade no acesso à educação que são primordiais.

Caro Paulo Freire, ainda agrego a esta carta um agradecimento por seu trabalho que influencia e direciona muitas práticas educativas. Minha atual experiência educacional é com um curso de licenciatura, e os conceitos apresentados a mim, por meio de sua obra, norteiam a construção de minha visão acerca da prática docente, do respeito aos saberes dos educandos, da relação da realidade cotidiana com a educação e da autonomia individual na construção do conhecimento.

Sinto-me honrado e privilegiado em poder ter contato com sua obra, seus ensinamentos e suas reflexões. Estou me constituindo como um educador e cada ponto abordado ajudou a evoluir minha visão acerca da importância da educação para uma sociedade.

Atenciosamente,

Michael Borges Santos

NOVA REALIDADE

Brasília, 24 de fevereiro de 2021.

Querido Paulo Freire,

O ano de 2020 começou com novos sonhos e expectativas, fevereiro, novamente para alegria da gente, carnaval, curtição e tranquilidade, mas a Covid-19 chegou mudando a sociedade.

O contexto pandêmico pegou todos de surpresa, mudou nossa rotina, nossa casa, nossas ideias e certezas.

As escolas, o comércio e as igrejas fecharam, trancaram a universidade em que eu havia ingressado. E a nova realidade está longe de terminar. Apesar de milhares de mortos, infectados tentando se recuperar, medidas de proteção e isolamento para o controle do corona, a maioria no país precisa trabalhar fora.

O distanciamento aproxima e faz pensar a fragilidade da vida, a saudade mostra o valor de cada dia ao lado de quem a gente ama. No final do dia, paro e deito na minha cama, me encontro em um abismo profundo de medo, insegurança e incerteza, medo da perda, das dúvidas, da fraqueza que me aperta.

O mundo externo mudou, e aqui dentro parece que tudo o que era passou. Agora é algo que não entendo, mas busco conhecer os novos sentimentos. Transformo a ansiedade em arte e poesia. Será que um dia saberemos o porquê de tudo isso estar acontecendo?

O momento é histórico e obscuro, mas o tempo cura tudo, como minha mãe dizia. Tudo passa, e tudo há de passar. E eu procuro maneiras de me reinventar.

Em Letras, conheço novos mundos e me apaixono pela educação, pela liberdade e criticidade que me dão. Ao estudar A Pedagogia da Autonomia, por exemplo, me provoca esperança e alegria que é exigida para ser uma professora com sabedoria, para que nossa ação político-pedagógica promova mudanças em realidades distintas e para que a cada vez que eu escrever, sinta a beleza de expressar o que penso, com respeito e bom senso, para ser mais feliz nesse novo contexto.

Atenciosamente,

Isabely Batista Ferreira

QUERIDO PAULO FREIRE

Brasília, 24 de fevereiro de 2021.

Querido Paulo Freire,

Estaremos em um momento de grande felicidade e alívio, imagino eu, no seu centenário. A pandemia terá acabado e tudo será reorganizado.

A nossa distância no modo de ensino irá acabar. Nos reuniremos outra vez para aprender e educar.

Do fundamental ao ensino médio todos se renovarão. E a esperança voltará para os professores em formação.

Da nossa autonomia, o ensino se fará seguro, competente e generoso, para continuar o intuito do seu grande esforço. Até lá teremos grandes desafios, mas juntos faremos uma ponte, e vejam o extraordinário de longe.

Nossa liberdade e autoridade serão exercidas, e nossa linda carreira, reconhecida. Em seus cem anos lhe daria um belo livro de poesias, para ler e viver bem, com mais alegria.

Com carinho,

Isabely Batista Ferreira

NOVA POESIA A PAULO FREIRE

Brasília, 24 de fevereiro de 2021.

Querido Paulo Freire,

Chegando em setembro, a pandemia não se findou. As sequelas desta ainda trazem grande dor. Muito já se evoluiu, mas pouco voltou a ser como era antes, então a lição que tiramos disso é que precisamos progredir a cada instante.

O processo é lento e exige dedicação. Em meio a pandemia a educação foi utilizada com uma nova formulação: o professor que se adaptou e em casa ensinou, o aluno que se movimentou e no quarto estudou, a casa que se “ajeitou” e praticamente uma escola se tornou.

Paulo Freire, a ciência nos mostrou que o estudo é valioso e que todo conhecimento adquirido pelo homem ainda é pouco, trazendo como aprendizado: a educação é umas das únicas ferramentas de transformação que nos levará a uma grande revolução.

A educação salva vidas e a ciência comprova isso. Em meio a pesquisas pela vacina, compreendemos a importância disso. O mundo colaborou e, com estudos, a tão desejada vacina encontrou, possibilitando uma nova visão para toda uma população que até aqui (graças a Deus) chegou.

A mudança no sistema de ensino é algo real e fazível. Nada nos tira essa certeza, nem mesmo esse período de crise. A realidade da educação muitas vezes nos assusta, mas isso não nos para, Paulo Freire, apenas nos deixa em meio a saia justa.

A curiosidade que exige o ensino nos mostrou: não é possível alguém conhecer o novo se esse mesmo alguém ainda não se entregou. O ensino médio se adaptou, a

universidade se reinventou, e com isso percebemos que mesmo em meio ao caos felizmente nada nos parou.

Tudo isto, Paulo Freire, é muito difícil: permanecer evoluindo em meio a um período de crise. Quando a melhor opção for parar, escolheremos todos juntos avançar. Conhecer, reconhecer, reinventar e permanecer, sem esmorecer.

Em seu centenário, Paulo Freire, lhe apresento uma nova percepção: juntamente a seus conceitos, proporcionar a emancipação, pensar com criticidade para que haja modificação e orgulhar suas memórias por meio de constante evolução.

Com esperança,

Nathália Layssa Melo Correia

CARTA A PAULO FREIRE

Brasília, 25 de fevereiro de 2021.

Querido Freire,

Estou aqui mais uma vez para dizer minhas percepções sobre a pandemia mundial da Covid 19 e realizar alguns agradecimentos.

Bom, cada vez estamos mais perto de viver o pós-pandemia. Acredito que em setembro de 2021 estaremos vivenciando esse contexto. Este pós-pandemia será com muitas mudanças e, por conta do contexto em que todos viveram, haverá altos índices de desemprego, transtornos emocionais, de higiene, o costume de ficar em casa, a utilização de máscaras, valorização da saúde e das pessoas ao redor etc.

No contexto atual, podemos perceber como as pessoas mudaram e se reinventaram em seu modo de viver. Diante de várias mudanças, surgiram também as aulas remotas para que todos continuassem os estudos em segurança. Creio que em 2021 iremos voltar às aulas presenciais, pois já iniciou a vacinação no Brasil. Apesar de já terem chegado as vacinas, não irão chegar tão rápido para a população, mas acredito que até setembro todos já tenham recebido. É importante pensar positivo.

A vida é uma montanha russa e eu prefiro não pensar muito no futuro. Assim como em 2020, neste ano podem acontecer coisas inesperadas. A única coisa para que eu torço é que não surjam tantas situações negativas.

Diante de tudo que aconteceu, imagino que os estudantes e professores vão estar mais esperançosos para que tudo volte ao normal, inclusive as aulas presenciais, apesar de estarem cansados psicologicamente, fisicamente e mentalmente.

Lidar com tudo isso que passou não é uma tarefa fácil, mas chegar até aqui, vivos e com saúde, é um momento de alegria e esperança. Esperança de que a vacina tenha dado certo, de que tenhamos uma vida “normal” novamente, de que a sociedade tenha nos tornado pessoas melhores, que tenham aprendido, evoluído, amadurecido com tudo isso que passou, e de que o futuro seja bem melhor. Apesar de tudo, é importante manter a esperança.

De acordo com Freire (1996), não devemos ficar sem esperança, pois a desesperança é como se fosse um aborto.

A esperança faz parte da natureza humana. Seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, primeiro, o ser humano não se inscrevesse ou não se achasse predisposto a participar de um movimento constante de busca e, segundo, se buscasse sem esperança. A desesperança é negação da esperança. A esperança é uma espécie de ímpeto natural possível e necessário, a desesperança é o aborto deste ímpeto (FREIRE, 1996, p. 37).

É notável o quanto todos aprenderam diante do Covid-19. Com isso, me fez refletir sobre o aprender. Por conta deste contexto, os educadores tiveram que aprender novos métodos, caminhos, atividades remotas, plataformas etc. E, além disso, depois que aprenderam, precisaram ensinar aos seus alunos um novo modelo das aulas. Os educandos passaram pelo o mesmo, pois tiveram que se adaptar às novas situações. Paulo Freire (1996) diz que “ensinar inexiste sem aprender e vice-versa”, ou seja, é ensinando que se aprende e é aprendendo que se ensina.

Ensinar inexiste sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível - depois, preciso - trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar (FREIRE, 1996, p. 13).

Os conceitos que utilizei nesta carta foram “não há docência sem discência” e “ensinar exige alegria e

esperança". São conceitos que me chamaram atenção por falarem sobre a prática de ensinar-aprender e sobre a esperança.

De presente para Paulo Freire eu deixo a seguinte frase de Victor Prates: "A educação é a base para a evolução, a gratidão é a base do reconhecimento e a compaixão é a base para termos um mundo mais fraterno".

Agradeço a Paulo Freire pelas palavras sábias, por nos dar um direcionamento, por revolucionar a educação. Gratidão por tornar a educação democrática, autônoma, dialógica e conscientizada. Esta é uma mensagem cheia de amor e gratidão.

Respeitosamente,

Rívia Hillary de Sousa Rodrigues

UM RELATO PÓS-PANDEMIA PARA PAULO FREIRE

Samambaia Sul, DF, 02 de fevereiro de 2021.

Prezado Paulo Freire,

Passaram-se alguns meses desde a última carta que te escrevi. Naquela carta te falei um pouco de tudo e, principalmente, como estava sendo viver no período de pandemia. Atualmente, estamos vivendo em um contexto pós-pandemia, e ainda assim, continua sendo um pouco difícil, mas não tanto quanto antes.

Como eu havia relatado há alguns meses, ocorreram grandes mudanças. Os professores tiveram que se adaptar, o que foi um marco na história da educação, mas, como toda experiência, isso nos gerou coisas boas e conhecimento. Como você mesmo disse "Não há docência sem discência", e isso ficou ainda mais claro nos últimos tempos. Alunos e professores se ajudando de forma mútua. Alunos ensinando professores a se adaptarem a tecnologia, e professores, por meio dessa tecnologia, distribuindo seus conhecimentos de casa em casa. De fato, a educação é base de transformação social.

Neste mês, professores em formação e alunos do ensino médio encontram-se em total transformação depois que a tecnologia foi usada na educação. Os alunos puderam expandir suas experiências para além da sala de aula e professores em formação puderam ver que é possível trabalhar com outros meios também, e, é claro, puderam identificar também problemas existentes durante esse processo educacional. Claro, muitas coisas mudaram. O modelo de educação passou a ser mais flexível, a interação em sala de aula aumentou, acho que a ausência de professores e alunos em sala de aula criou certa valorização da educação presencial.

Depois de meses de carência, as instituições de ensino voltaram com tudo, como nunca havia ocorrido antes. As escolas estão mais ativas no processo educacional, mas como nem tudo são flores, as aulas também estão mais corridas. É uma guerra contra o tempo, o que pode ser prejudicial lá na frente, mas torcemos para que dê tudo certo para ambos os lados.

E, por fim, não poderia esquecer do centenário que está comemorando neste mês de setembro. O que tenho a dizer é: obrigada!

Sua forma de enxergar a educação e escrever quase que um manual para professores foi algo revolucionário.

Seu conhecimento passa pelas mãos de, praticamente, todo professor em formação, e essa é uma forma de acreditarmos que a educação, um dia, alcançará a dádiva da perfeição.

Agradeço em nome de todos pelos feitos que nos
Agradeço em nome de todos pelos feitos que nos tem
concedido.

Atenciosamente,

Alirrana Alves dos Santos

CARTA AO MESTRE

Brasília, 12 de janeiro de 2021.

Prezado Paulo Freire,

Estou escrevendo-lhe esta carta para comunicar como andam as coisas por aqui, pois o mundo em que vivo hoje foi assolado por uma pandemia que impactou a vida de todos, e acredito que o senhor, onde quer que esteja, deva saber. Decidi contar um pouco sobre o que tem acontecido em meu cotidiano para, quem sabe assim, o senhor possa entender melhor algumas questões que tenho e também para compartilhá-las com você.

Venho lendo bastante os estudos que o senhor nos deixou, pensei em como minha trajetória estudantil foi pautada em uma educação mecanicista, na qual eu não tinha a oportunidade de refletir, questionar e entender questões à parte do conteúdo em sala de aula, apenas podia engolir o que me era passado. Ao entrar no ensino superior, tive um contato maior com o tipo de aprendizagem que realmente faz mudança em minha vida e contato com professores que faziam valer o processo pedagógico.

Infelizmente, assim que comecei a frequentar a faculdade não demorou muito até que a pandemia fizesse as aulas serem suspensas, porém esse foi o menor dos problemas. Muitas pessoas morreram e estão morrendo vítimas desse mal, isso me fez refletir bastante sobre toda minha relação com as pessoas ao meu redor. Eu me descobri muito mais como uma pessoa com necessidade de rotina e não poder fazer nada mexeu muito com o meu emocional.

Acredito que me conheci mais nesse período. Viver esse momento faz qualquer pessoa pensar e, partindo das suas deias eu me vi como um ser inacabado, carecendo

sempre de mais e mais conhecimento.

Esse mesmo período me fez ter esperança, mas não o sentido vazio que muitas vezes, é usada a esperança que você pontua em seu livro "Pedagogia da Autonomia".

Descobri também que me dou melhor quando posso passar alguns períodos sozinha. A construção do meu conhecimento ocorre de forma menos mecânica se eu tenho liberdade para isso - notei tal fato quando fiz cursos por conta própria antes de iniciar minhas aulas de forma remota. Percebi que amo o lugar que posso chamar de lar, porém necessito muito ficar longe de casa às vezes. Encontrar meus amigos é muito bom, mas saber que mesmo longe nossos laços não se desfazem é muito reconfortante.

Como a chegada da vacina se aproxima (e pensar que acreditávamos que em 2020 tudo isso já teria passado) ver um ano inteiro perdido e ceifado tantas vidas e tantos sonhos, deixado tantas pessoas doentes e algumas com marcas irreparáveis. Vimos de perto como a falta de uma educação política traz sequelas e retrocede muito a nossa vida, o egoísmo de quem não se importou com o momento delicado que estamos vivendo, movimentos antivacina acontecendo, teorias da conspiração completamente absurdas pautadas em ideologias religiosas ou simplesmente factóides.

Escrever essa carta me fez ter uma leve retrospectiva do que foi o meu último ano e de como está sendo viver essa maneira remota de estudo. Sinto falta do carinho e do apreço que você detalha ter tido com seus alunos, sinto falta da rotina da faculdade dos encontros presenciais, os meus professores fazem o possível para as aulas serem o mais gnosiológico, mas ainda assim não é a mesma coisa. Apesar dos avanços tecnológicos, o processo educacional, na minha opinião, carece do contato humano para ser feito com excelência.

Agradeço pelas obras que deixou e mando um abraço e um até breve.

Atenciosamente,

Amanda Bandeira de Andrade

CARTA ENVIADA A PAULO FREIRE

Brasília, 12 de janeiro de 2021.

Querido Paulo Freire,

É com muita satisfação que escrevo esta carta, não só para agradecer o legado deixado, mas também para contar as novidades do mundo do “saber”.

Professor, sabemos que ensinar requer empatia com os alunos e que também é necessário despir-se de qualquer tipo de arrogância e hierarquia que possa haver dentro da escola e sala de aula, não podendo haver barreiras no mundo do conhecimento. É impossível ensinar, passar e dividir o conhecimento sem a coragem de querer o bem, sem a valentia dos verdadeiros heróis.

Por mais que possa haver algum meio de perseguição por parte do segmento político, não podemos deixar de compreender que a educação e a política andam juntas, não podemos deixar de ensinar sem pensar em buscar na política um meio de consertar as discrepâncias deixadas pelo poder público, não podemos pensar em ética sem as reivindicações de muitos que buscam a melhoria no mundo do “saber”.

Em suas cartas destinadas aos professores e estudantes, encorajei-me com seus ensinamentos. As palavras de sabedoria deixadas nas cartas fazem de mim um novo divulgador do conhecimento e do saber, ensinamentos que devem ser passados e adquiridos sem medo, não podendo me fazer de rogado quando, em um diálogo com o educando, que esse conhecimento deixado pelo senhor, possa arrefecer o mundo tão sofrido de alguns alunos, que chegam à sala de aula carregados de dúvidas, perseguidos por muitos preconceitos e, que muitos fingem não existir.

São tantas as qualidades que encontramos no ensinar que não podemos ter medo de passar, de expor o bom

diálogo com aqueles que têm a fome de aprender e ensinar. Jamais poderemos subjugar a maneira correta de passar o conhecimento para os educandos que querem mudar o mundo para melhor.

Professor, ensinando me torno um desbravador do conhecimento. É através dele que me torno um ser mais nobre e, assim, procuro minimizar os problemas de muitos. Além disso, através do “saber” transformo a vida daqueles que buscam mudanças no seu cotidiano. É certo que vivemos dias difíceis e que novas ferramentas do conhecimento deverão ser usadas para o bem da educação e, com paciência, saberemos administrá-las para não haver obstáculos para a leitura e para o conhecimento.

Nesta carta quero informar as dificuldades que companheiros atravessam. Professores e estudantes driblam uma pandemia que se instalou na sociedade global, mas buscam novos meios em prol da educação. Essas dificuldades nos privam de conversar pessoalmente com amigos, a sala de aula agora é através de uma tela - pois nossa ferramenta principal é a internet - o lápis e a caneta se transformaram em teclas, mas nem por essas dificuldades deixaremos de divulgar seus conhecimentos deixados em tantos livros.

O meu muito obrigado!

Francisco Ferreira de Souza

CARTA DE AGRADECIMENTO

Brasília, 01 de fevereiro de 2021.

Querido Paulo Freire,

Novamente estou aqui para lhe contar as últimas novidades. No próximo mês estaremos completando um ano desde que os primeiros casos de coronavírus foram diagnosticados no Brasil. De lá para cá todos nós já passamos por inúmeras situações difíceis – e pensar que acreditávamos que ao final de 2020 já estaria tudo resolvido e a vida voltaria à normalidade, fomos muito ingênuos.

Hoje, tanto tempo depois, mesmo que ainda longe de sonhar com a volta da vida, a sua normalidade é possível. Como você fala sobre inexorabilidade – claro, naquele momento falava sobre a realidade difícil que vivem as pessoas nas comunidades, mas acredito que possa ser aplicado aqui – toda situação é passível a mudança, como esta que vivemos agora também é.

Porém é com pesar que considero que possivelmente este ano não termine tão diferente do anterior. A volta da normalidade cotidiana vai demorar um pouco. Uma das mudanças que foram mais difíceis para eu me adaptar nesse processo foi a autonomia, que é necessária para conseguir se manter no ensino remoto, com a qual ainda luto para me acostumar.

Acredito que esse tempo foi crucial para que os alunos que estão se formando como futuros professores possam utilizar dessa experiência quando entrarem em sala de aula, terão mais carinho e empatia por seus futuros alunos e também por seus professores, pois sabem como é difícil.

Veja como é difícil, em plena pandemia, com alunos do ensino médio mal conseguindo acompanhar as aulas da

escola, ainda foi mantida a realização do Enem. No entanto, vale considerar que esse foi ano com maior abstenção de toda a história, mesmo com muita comoção e pedidos para o adiamento da prova, nada disso parou o governo, perpetuando a desigualdade.

Contudo espero realmente que este seja apenas um período ruim e que após todas essas turbulências possamos seguir voos melhores do que nunca, com as aulas presenciais, das quais nunca imaginei sentir tanta falta, e com os projetos, dos quais não tive oportunidade de participar.

Creio que mesmo nesse momento, presente nenhum seria suficiente para agradecer a sua contribuição na minha formação, mas, se servir de alguma coisa, garanto ser para meus alunos metade do que você passou para todos nós, um presente para todos. Acredito que iria acalantar seu coração tão cansado. Como disse também, continuar esperançoso com o trabalho pedagógico é muito necessário para o educador.

Atenciosamente,

Sua grande admiradora,

Amanda Bandeira de Andrade

UMA CARTA A PAULO FREIRE

Brasília, 12 de fevereiro de 2021.

Prezado Paulo,

Escrevo-lhe esta carta, pois necessito que saiba como foi o ano de 2020 a partir de minha perspectiva como aluna e professora. Configuro esse ano como algo, desesperador, medonho, conflitante, decepcionante, encorajador e desafiador. Percebi diante de toda a situação que o ser humano precisa ser mais empático com o outro.

Foi um ano muito estressante para algumas pessoas, confesso que me vi em uma situação muito difícil, sem emprego e sem recursos para estudar em casa, me vi desesperada e sem ter o que fazer. O convívio diário entre as pessoas de casa era algo desafiador, tentava me isolar para não haver conflitos – muito complicada a convivência nesse período, principalmente no começo de tudo. A insegurança de saber como lidar, o que fazer a respeito dessa doença me deixava pensativa; passei um mês sem pisar o pé na rua, mesmo podendo ir fazer o essencial com os devidos cuidados, não me sentia segura para isso. Após esse período de incertezas, fui me adaptando ao novo e fazendo as minhas coisas como deveriam ser feitas, mas com todo cuidado necessário.

Diante da situação de não estar trabalhando, procurei fazer algo para amenizar o que, no momento, não poderia ser mudado, mas que com toda cautela e cuidado eu poderia fazer algo. Enquanto pedagoga vi alguns pais desesperados por terem que trabalhar fora de casa e não saberem o que fazer com seus filhos diante desse contexto. Então fiz uns planejamentos e comecei a dar aulas de reforço para algumas crianças dentro das medidas de segurança e sempre um aluno por horário.

Isso fez com que eu pudesse ajudar e também ser ajudada pelos pais que no momento não estava com muito tempo para ajudar seus filhos no ensino remoto. O mundo estava altamente estressado com essa situação, muitas mortes, o racismo era algo nítido diante dos fatos ocorridos no mundo, a fome era algo desesperador nas famílias de alta vulnerabilidade. Eu, como ser humano, colocava-me no lugar de cada um, em cada situação e sentia-me um pouco frustrada por não poder fazer nada além de pedir a Deus que acabasse com isso logo e desse-nos a cura para isso tudo. Médicos e enfermeiros nos hospitais faziam de tudo para salvar a vida das pessoas.

Eis que no ano de 2021, tivemos a tão esperada notícia de que teríamos a vacina e então poderíamos “voltar ao normal”, claro que dentro das normas de segurança estabelecidas. A vacina foi primordial. Foi chegando aos poucos, primeiro nos países mais desenvolvidos e logo fomos informados de que ela seria dada aos brasileiros. Foi um momento de graça para nós, uma alegria que não cabia, pois todos tínhamos em mente que só poderíamos viver em paz com essa tão esperada vacina.

Fico aliviada em poder desabafar com outras pessoas sobre o contexto desesperador por que passamos e que breve tudo poderá ser resolvido com a vacina. Precisamos ser confiantes e perseverantes para que tudo dê certo. Cada um fazendo sua parte teremos um mundo melhor.

Atenciosamente,

Ariana Farias Ramos

CARTA DA ESPERANÇA

Brasília, 10 setembro de 2021.

Prezado Paulo Freire,

Começar esta carta com um certo alívio, ufaaa!!!

Chegamos em setembro de 2021, e já se passou um ano de uma pandemia que assolou o mundo, desestruturou a todos em vários sentidos. Mesmo com a chegada da vacina, tivemos alguns contratemplos, o governo colocou várias dificuldades para adquiri-la e na hora da imunização foi um certo alvoroço. Vivemos momentos difíceis, porém aos poucos estamos vencendo.

Acredito que mesmo após a vacina ainda devemos ser cautelosos. O mundo não será o mesmo, tenho certeza. A educação, por exemplo, passou por várias transformações fomos obrigados a nos adaptar e fazer o “novo”.

O seu ensinamento como educador, para que o professor seja construtor, foi eficaz nesse tempo de pandemia, pois, de um lado, estava o professor buscando uma forma dialógica trabalhar com o aluno e, de outro, estava o aluno sendo protagonista de sua própria história de forma participativa. Acredito que esse foi o maior desafio encontrado e vencido, pois cada aula dada foi um obstáculo a vencer por parte de todos.

Você foi nosso maior exemplo diante de todo esse processo, pois didaticamente seus ensinamentos nos proporcionaram bastante crescimento educacional. No seu centenário, eu, como educadora, sinto-me lisonjeada por tanto, pois pude ler sua obra e repensar minha prática. Perguntava a mim mesma: será que meus alunos estão gostando de minhas aulas?

Será que eu como educadora estou fazendo meu papel com seriedade?

Sou professora em constante aprendizagem, aprendo enquanto ensino, dedico-me para atingir meus objetivos como educadora e aluna ao mesmo tempo, sempre na perspectiva de crescimento pessoal e profissional.

Espero conseguir transmitir ao menos 1% do seu legado em minha vida como educadora, proporcionar aos meus alunos ensinamentos inerentes aos seus. O centenário é seu, mas o presente é de todos nós que podemos agregar seus ensinamentos no nosso currículo e na nossa trajetória como educadores. Fico aqui agradecida por você ter nos proporcionado tanto com a educação.

Obrigada!

Abraços,

Ariana Farias Ramos

A EDUCAÇÃO E A ORGANIZAÇÃO BRASILEIRA EM TEMPOS PANDÊMICOS VISTA DA PERSPECTIVA DE UM PROFESSOR EM FORMAÇÃO

Brasília, 11 de janeiro de 2021.

Querido Paulo Freire,

Escrevo-lhe esta carta como forma de desabafo. Sigo no início de 2021 e parece que o mundo mudou bem pouco desde a sua época. Hoje nos encontramos em um contexto muito louco: estamos em uma pandemia. Não vou te alarmar para não tentar pular do túmulo, rs.

No ano que se passou, bem próximo, inclusive, o mundo todo enfrentou esse momento pandêmico. Nossa rotina mudou, nossa forma de pensar nem se fala e nosso psicológico foi abalado. Não vou dizer que foi um ano horrível, em minha opinião, foi um ano de muitas descobertas e dificuldades. Seguimos vivos, isso é o que importa.

Assim como você, sempre gostei de conversar sobre política, vida organizacional e afins. Nesse ano de 2020 com tudo muito tecnológico e fazendo tudo de casa, estive em muitos locais de fala. Pude representar estudantes em determinados momentos e, em outros, crianças e adolescentes. Mesmo estando em um contexto diferenciado, consegui ter um mínimo de espaço de fala em lugares político-pedagógicos e externos também. Sinto-me realizado e grato com tudo que consegui fazer no ano que se passou, pretendo fazer ainda mais neste ano de 2021.

Freire, se você estivesse aqui, talvez perceberia o outro como eu. Você saberia que muitas pessoas não são como nós, não buscam representar, gostam de ficar no escanteio, quietas, isso não é errado, mas é triste. Costumo dizer que quem gosta de política, por exemplo, comanda quem não gosta, afinal, quem não gosta não estudará e nem sentirá

prazer ao falar, ao contrário de quem gosta. Estes, por sua vez, estarão no poder e fazendo o que os que gostam querem. Bom, vejo e vi o outro, meus e minhas colegas de vida, como pessoas que entregaram o seu melhor, quem está à minha volta são guerreiros e guerreiras. Digo isso porque conseguimos chegar até aqui, dentro de tantos problemas físicos, mentais e financeiros.

Destaco a você que falta empatia por parte da população brasileira e mundial. Não sei se quando estava na luta as pessoas eram tão egoístas e individualistas. Neste momento delicado isso evidenciou como o mundo é dividido em dois grandes eixos: de um lado, as pessoas que somente pensam nelas mesmas. Lembro-me de que no início desta pandemia as pessoas com ascensão social elevada iam aos hipermercados e saíam de lá com os carros cheios de alimentos. E aí entra o outro lado da moeda: pessoas que não tinham condições de fazer o mesmo e, se acabassem as comidas dos supermercados, elas não teriam subsídio para se alimentarem. Infelizmente, o ser humano, em certos momentos, é irreconhecível e individualista. Mas é claro, querido Paulo, não posso generalizar. Ainda existe um mínimo de cidadãos empáticos.

Espero que com o passar dos tempos esse número aumente e sejamos mais humanos. Mas por que isso acontece? Por que as pessoas estão se tornando tão frias? Simplesmente porque não pensam no próximo como amigos, irmãos ou seres sociáveis, pensam como competidores, guerreiros que estão de lados opostos. Sendo que, na real, querem lutar pelas mesmas coisas.

Como todo ser humano, tenho um limite. No início desta pandemia eu achava que estava com os dias contados, que meu fim estava chegando, tive crises, não me adaptei tão rápido a um novo modelo de educação e pensei que ia desfalecer. Firmei-me em Jesus Cristo e consegui sair dessa com êxito. Quando pensarmos que estamos no fim, daí

poderá ser somente o começo de uma grande era. Eu vivi dias terríveis que não desejo ao meu pior inimigo. Ao olhar para um computador e não conseguir estudar, isso me tirava a alegria.

Ao não poder sentir o aconchego humano, me despedaçava. Hoje, graças a Deus, tenho superado. Mas, é claro, não vejo a hora de tudo isso acabar, de poder sair às ruas sem usar um acessório para tapar boca, nariz e queixo. Esta é minha maior dúvida: quando tudo isso vai acabar? Espero que em breve. Não sei se aguentaria mais um ano dessa forma. É claro, não somente falo do contexto de um vírus letal, refiro-me também a quando a sociedade vai se tornar mais humana. Espero que sejamos mais sociáveis, amigos e companheiros. Com certeza hoje estou bem, mas estive mal.

A realidade que desejo do fundo do meu coração é uma em que eu não precise me preocupar em sair nas ruas sem saber se voltarei para casa. Não deixo em clareza isso se falo no geral, mas aqui não me refiro simplesmente a um vírus, mas a não desfalecer estirado pelo chão com um buraco de bala em meu peito, quando as autoridades estiverem falando que foi "bala perdida", sendo que, na realidade, foi bala direcionada a um público de pessoas específicas. Pode até soar dramático isso, mas não é. É a verdade sendo exposta nesta carta, querido Freire. Se você estivesse aqui saberia o quanto é doloroso uma mãe, pai ou amigo ver o seu ente querido jogado no chão por uma sociedade injusta e preconceituosa. Vivemos tempos em que, infelizmente, não podemos confiar em muitas pessoas, nem mesmo em familiares. Talvez a minha realidade não seja 100% essa que citei, mas como um futuro professor e profissional da educação que pretende estar totalmente interligado com a população em situação vulnerável, não posso deixar de falar pelos injustiçados.

Para um desfecho interessante, deixo-lhe pensativo, será que o que escrevi nesta carta me faz ser um militante, um

rebelde ou um realista? Ao escrevê-la me senti leve. Quem dera as pessoas pudessem falar o que pensam sem serem julgadas por seus pensamentos diversificados.

Quem dera tivéssemos a oportunidade de vivermos em um país onde os políticos realmente lutam pela população, seja em tempos pandêmicos de coronavírus ou não. Quem dera tivéssemos o privilégio de termos uma educação pública de qualidade. Oro e peço a Deus que nos traga uma pessoa não simplesmente politizada para governar o Brasil, mas, sim, uma pessoa competente e que queira o melhor para a educação. Se não trouxer, que mude o pensamento dos políticos corruptos e das pessoas para que nos apoiemos mais.

Cordialmente,

Daniel Rodrigues Fernandes

“Um mero estudante de um curso de Licenciatura em Letras-Espanhol que tem o desejo de mudança e que quer ser um professor de excelência.”

CARO PAULO FREIRE

Brasília, 15 de janeiro de 2021.

Caro Paulo Freire,

Te escrevo esta carta para dividir contigo minhas esperanças para um futuro próximo na educação e na sociedade brasileira. Atualmente, vivemos em um contexto atípico em relação a diversas áreas da sociedade, inclusive na educação. A pandemia que vivemos evidenciou muitos problemas como a desigualdade no acesso à internet, no acesso à informação e, infelizmente, também a irresponsabilidade de alguns líderes governamentais.

Mas, neste momento, quero compartilhar apenas as esperanças que tenho. Iniciou-se no Brasil, após um longo tempo, a vacinação da população (grupos de risco) e isso nos anima; ainda temos alguns empecilhos para enfrentar, como a desinformação e a "politização da vacina", ainda assim acredito que estamos a caminho de um "novo normal", uma vida pós-pandemia. Com a população devidamente protegida, poderemos voltar a nos abraçar e a estar juntos de verdade. Essa "normalidade" não significa retroceder à nossa situação anterior à pandemia, pois nem tudo foi prejudicial; reflexões e aprendizagens também fizeram parte desse período tão confuso.

É necessário reinventarmos enquanto seres humanos a partir de nossas relações com os outros. Ter esperança é primordial; contudo, como é enfatizado em seu livro pedagogia da autonomia, a esperança nos faz não apenas crer em um futuro, mas também nos faz agir AGORA para que esse futuro seja possível. Esperanças em dimensões individuais e coletivas, porque (em suas

palavras) “Esperançar é juntar-se com o outro para fazer de outro modo. A esperança é um condimento indispensável à experiência histórica, sem ela não haveria história, mas puro determinismo” (FREIRE, 1996, p.41).

Ademais somos seres históricos, não? Estamos construindo nossa história no agora, o que vivemos é base de nosso futuro. E como um ser histórico, acredito que a situação que vivemos, a maior crise sanitária global em um século, pode nos revelar grandes aprendizagens. Refletir cada situação em um processo de reconstrução do nosso entendimento, ou melhor, da nossa leitura de mundo. E, também, voltando a falar sobre educação, em um cenário pós-pandemia, grandes mudanças farão parte de nossa realidade; e é necessário refletir. Como exemplo, o retorno ao ensino presencial voltará a ser a realidade de muitos, inclusive a minha. A adaptação ao ensino remoto não é fácil. Para mim, por exemplo, de início não foi algo “simples” e causou alguns receios, no entanto mantive meus estudos e acredito que tenho aproveitado muito essa oportunidade. Minha experiência no ensino superior veio se desenvolvendo na maior parte de forma não-presencial, e mesmo assim tenho muita vontade de retornar na modalidade presencial, porque creio que o “não contato físico” traz alguns prejuízos às relações pessoais com colegas e mestres, se acreditamos no poder da afetividade e da amorosidade no ato de ensinar.

Por fim, quero agradecer ao senhor por suas reflexões e ensinamentos. Vivemos em um cenário político e social em que a luta pela defesa da educação para todos se faz cada dia mais importante e tendo como base suas reflexões nosso desejo por uma nova realidade mais igualitária, menos "classicista"... se fortalece.

Obrigado por tudo!

Michael Borges Santos

DE UM APAIXONADO PARA PAULO FREIRE

Brasília, 12 de fevereiro de 2021.

Querido Paulo,

Esta carta, amado mestre, escrevo do meu claustro imposto pelo isolamento social na tentativa de expor minhas angústias e expectativas com a educação auriverde, ora assaz afetada pelos acontecimentos extraordinários que nos fez reconhecer a fraqueza inevitável enquanto humanos.

Esta efeméride a que me refiro, Paulo, nos dará como legado a vivência de que nossas relações com os outros devem mudar consideravelmente a educação dos nossos jovens não escapará a isso.

Vislumbro o porvir e tento enxergar o que há de vir no mês de setembro de 2021 – “quando entrar setembro e a boa nova andar nos campos, quero ver brotar o perdão onde a gente plantou” (Sol de Primavera - Flávio Venturini). Creio que estaremos em um contexto ainda mais difícil para todos. Quando lhe assevero minha tristeza com o futuro, o faço, Paulo, com base na péssima condução que nossos políticos fazem do atual momento. Quanto desgosto sinto!

Vejo, ao apontar meus olhos para a rua lá fora, homens e mulheres mascarados como aqueles sofridos negros que no século XIX eram obrigados a usar a famosa máscara de flandres para impedir que eles comessem ou bebessem. Esta máscara, caro Paulo, lembra-me muito o medo. Receio, horror, espanto! Porém, se a máscara - a deplorável máscara - que tapou a boca do negro para os impedir de insurgir contra o senhor de engenho opressor é símbolo da perda da liberdade, a que hoje usamos é símbolo da fraternidade e compaixão.

As máscaras são apenas um aspecto do momento novo em que vivemos e nos impele a refletir sobre qual vereda percorrer na educação doravante. Então me questiono qual caminho nós vamos seguir.

Será que de fato vamos continuar querendo seguir por esta trilha lúgubre, negando a fraternidade e sendo manipulados e imbuídos de um ódio, no qual o que reina é o negacionismo, a falta de empatia, a ignorância e o obscurantismo???

Ou será que em algum momento teremos consciência de que há outras escolhas, e procurar uma acendrada trilha que reverencie a compaixão e o respeito ao próximo?

Nesse dilema, prezado Paulo, devemos optar, obviamente, pelo caminho que conjugue a autonomia do estudante, a solidariedade com os menos favorecidos e a inclusão de todos aqueles que querem saber, aprender e viver.

Nossos líderes parecem ter predileção pelo repúdio à fraternidade e se apegam ao remonque da proteção da liberdade para sustentar seu negacionismo. Atordoa-me muito ver esse discurso que se embarafusta pelas escolas quando grupos alegam que o ensino remoto é pretexto para professores e alunos seguirem em suas casas a procrastinar.

O desdém pelo que não conhecem — e sabe o senhor bem disso — é a arma de que se valem para dar safanões nas bocas que clamam por verdade e solidariedade.

A ignorância, no tempo hodierno, parece ser virtude a ser celebrada e tida como verdade. Eu confesso que ainda hoje eu fico estarecido com tudo isto! Eu nunca vou me acostumar por mais que imponham a normalização de tantos absurdos!

O afã que teremos adiante consistirá em levarmos solidariedade a uma sociedade envenenada pelo ódio e pela mentira. Cumpre-nos o dever, como educadores, possibilitar que nossos jovens possam ter como diretriz em seu processo de ensino-aprendizagem, aquilo que o senhor, Paulo, chamou de “esperançar”. Esse verbo é a tradução de um processo de formação de um cidadão que vai além da mera aquisição dos conceitos e tem como remate a emancipação do aluno como indivíduo. Esta é a forma mais eficaz de compreender a sociedade como um tecido em que se embaraçam a verdade e a mentira, o certo e o errado, o justo do injusto.

Esse devir em que o aluno (do latim, sem luz, como pode, Paulo, “aluno” significar isso???) ganha brilho para assinalar seus próprios passos legará como mercê à posteridade um mundo assente na solidariedade e comprometido com o bem comum.

Acudo-lhe também, caro Paulo, da necessidade de incluir nossos pobres jovens na era da tecnologia. Seria de balde falar em solidariedade na educação sem apontar a mazela das ainda existentes desigualdades sociais que nos envergonham amiúde. Esses jovens, esconsos na miséria e no silêncio, são os mais afligidos nos tempos atuais. Enquanto temos o privilégio de continuar com nossas atividades de modo virtual em nossas casas, estes seguem relegados ao esquecimento e ao desprezo.

Inegável é constatar que a vida não dá a mesma ventura a todos os seres humanos, mas é engodo e egoísmo julgar que por esse motivo devemos deixar os menos afortunados à margem do progresso humano. Se é certo que nossa evolução caminha para o bem estar, devemos garantir que este conforto alcance a todos.

Olhando por essa perspectiva, seus ensinamentos nos levam a tratar o aluno não como sujeito que recebe e aceita as pechas deste mundo, mas que a partir delas age de modo crítico para extirpá-las.

Essa é a missão do rebento de sua pedagogia, o agir político consciente. Ah... nada mais ululante hoje como isso!!! Contra o egoísmo malévolo e o obscurantismo devemos ser os alvissareiros da mensagem da benevolência, esperança e da verdade.

Ei-lo defronte aos nossos olhos a esperança, esta esperança me faz lembrar o que nos disse Anne Frank:

É difícil em tempos como estes: ideais, sonhos e esperanças permanecerem dentro de nós, sendo esmagados pela dura realidade. É um milagre eu não ter abandonado todos os meus ideais, eles parecem tão absurdos e impraticáveis. No entanto, eu me apego a eles, porque eu ainda acredito, apesar de tudo, que as pessoas são realmente boas de coração.

Oh, querido Paulo... Ser-me-ia insensível tão pesadas reflexões sem manifestar minha felicidade pelo seu centenário. Ah, o tempo... Feliz é o homem que, conquanto feneça na matéria, a transcende por meio de um legado. Assim é você, caro Paulo! Sua obra é como sândalo olente que trescala a todos a seiva que devemos levar em périplo aos quatro cantos! Embora nossos algozes insistam em manter a educação como mera formação de robôs para o trabalho, seus ensinamentos, prezado Paulo, ponderam para a necessidade de aproveitar esta oportunidade em que nos encontramos para emancipar o ensino.

Apesar de todos os percalços, como te disse na carta anterior, o verbo da vez é esperar.

Esperancemo-nos!

Nézio Fabiano Teles da Silva

ALÔ, ALÔ, PROFESSOR PAULO FREIRE

Brasília, 12 de fevereiro de 2021.

Querido Paulo Freire,

2021/ Fevereiro: Ligando! Em algum lugar do espaço
ATIVAR! CÂMBIO !!!

Ajuda aí, Elis Regina! Preciso encontrar e entregar uma carta para um dos grandes educadores brasileiros! “Alô, alô professor, Paulo Freire! Aqui quem fala é da terra! Pra variar, estamos em guerra! O senhor não imagina a loucura, o ser humano está na maior fissura por quê?”

Sou uma Pedagoga do Universo e foi necessário buscar essa formação continuada para fazer uma leitura de mundo! Eu vou lhe contar como andam as coisas por aqui.

Professor, antes de atualizá-lo, preciso deixar registrado a minha satisfação após a leitura de um artigo da Revista *Isto É*, publicada em 29 de dezembro de 1999. O senhor disse ao jornalista que seu pai era espírita e aceitou o seu pedido para fazer 1ª comunhão, uma cerimônia de iniciação na igreja católica. Em seguida, o senhor comentou: “Ele me deu a lição de que, se você respeita o outro, é preciso aprender a conviver com a diferença”. Professor, eu sou espírita e por isso resolvi mandar a minha mensagem, nesse modelo, entende? Continuando, no que tange “a aprender a conviver com a diferença”, a humanidade ainda não encontrou esse alinhamento. Tá complicado! O senhor há de convir comigo que sem esse ajuste necessário de dentro para fora, abandonando os EGOS, fica difícil de evoluir, em todos os sentidos. Pasmé! Esse impasse está impactando na EDUCAÇÃO!

Aproveitando para situá-lo. O senhor partiu em 1997, certo? Estamos no terceiro milênio - 2021 - 24 anos depois... Em 20 anos, muita coisa aconteceu. Pois é, o seu nome está presente em todas as instituições de ensino, públicas e privadas, do nosso país, com ramificações para o outro lado do oceano. Vale ressaltar que a sua teoria deu embasamento para a minha monografia de conclusão do curso de Pedagogia: *Auto-Estima: Uma estratégia para o êxito na Educação de Jovens e Adultos*. O senhor está com tempo para ler e decodificar a minha mensagem? Então, se prepara.

Ah, professor! Sim, tomei conhecimento da sua militância. Hoje, não quero tratar de política e do governo atual (pula essa parte!). Na obra *Pedagogia do Oprimido* o senhor fala da importância do professor olhar, analisar e valorizar a realidade do aluno. Professor, a sua teoria auxilia muito a formação de um docente. Somos gratos! As suas obras são referências, mas, agora, necessitamos de outros autores que estarão somando o conhecimento deixado em suas publicações para os profissionais da educação que estarão atuando com uma nova raça, uma outra geração.

Entre nós, professor, existem crianças com a mente brilhante, potencializada! Os pequenos, a partir de dois anos, dominam com propriedade celulares, tablets e todos os aparelhos que disponibilizam, jogos, filmes e outros programas que ajudam no seu desenvolvimento. Não posso esquecer das crianças especiais. Nossa! Inúmeros desafios e surpresas. E, falando de desafios, recentemente uma METAMORFOSE provocada por um vírus, sacudiu o planeta terra.

Professor, a humanidade entrou em pânico: depressão, suicídios, ansiedade, pessoas não acreditavam na ONDA AVAÇALADORA! Máscaras no rosto, álcool em gel 70%, somados aos grupos de risco - idosos,

hipertensos, como eu, compõem o cenário. E o povo precisou reaprender a lavar as mãos e intensificar a higiene pessoal e de casa. Atualmente, nas portas de todas as residências, encontramos calçados de todos os tipos do lado de fora, percebe? O povo ficou preso em casa, professor! Longe dos familiares e dos amigos, o estresse permanece. E, confesso, o telefone celular virou uma ferramenta importante para comunicação entre as pessoas.

Isolados em nossas residências, o aparelho telemóvel disponibiliza o acesso à aprendizagem virtual, o acompanhamento das notícias sobre o caos instalado no Brasil e no mundo com a presença do vírus. Hospitais lotados, muitos óbitos, centenas de pessoas doentes, comércio fechado, muitos desempregados e outras situações desenham a realidade nos últimos meses.

O senhor quer saber o que aconteceu com a educação? As crianças e os jovens em casa, os pais entraram em pânico, ouvi vários áudios e recebi textos dos responsáveis inseguros e valorizando os professores! (Rsrsrs). As instituições e unidades de ensino, foram fechados! Imagine, professor, dois bimestres perdidos. Ah, agora eu vou te contar a melhor! Lembra do ensino a distância, aquele que iniciou com cursos por correspondência? Nos últimos 15 anos passou por uns ajustes. Pois é! A modalidade EAD, integrou-se no processo de resgate do conteúdo perdido. RESISTÊNCIA??? Então, aconteceu professor! O salto inesperado do presencial para distância, na totalidade, mexeu e remexeu com os colegas, os alunos, familiares e com a estruturas do sistema de Ensino no Brasil.

Professor, os colegas que não conseguiam encontrar na modalidade EAD uma proposta inovadora, precisaram se adaptar rapidamente às reuniões virtuais, às vídeo aulas, a uma outra didática, a uma metodologia diferenciada.

Os planos de aula com o conteúdo e as atividades definidas, foram enriquecidos com textos, animações, jogos, links e vídeos indicados para auxiliar, estimular os alunos no ambiente virtual de aprendizagem e o critério de avaliação, mudou. Um momento desafiador para toda equipe pedagógica das unidades escolares públicas e privadas. E não parou por aí, outras situações complicadas foram surgindo e permanecem: o acesso dos educandos das classes menos favorecida a EaD. A falta de merenda e de convivência no ambiente escolar gerou um desconforto. Somou-se a isso: a ausência de internet, celular, tablete ou computador em casa, violência doméstica, abusos, desemprego dos pais e ao vírus que recebeu um nome com cinco letras e um número, e, vale ressaltar, outras variantes surgiram.

Um olhar solidário brilhou e tomou conta do país! Alguns brasileiros começaram a se mobilizar para ajudar o próximo e assim continuamos administrando essa tribulação que trouxe uma mudança de comportamento, de hábitos. A natureza, com o nosso distanciamento, respirou! E o “futuro”? A engrenagem da vida será outra, ou melhor, está sendo outra. Quando essa fase passar, não temos o que mudar, e sim que nos adaptar a uma nova realidade, nos refazer e lançar o nosso olhar para um horizonte com esperanças renovadas.

Sabe, professor, muitas pessoas se tornaram empreendedoras, famílias se ajustaram, pais e filhos conseguiram se harmonizar, outros ainda preferem deixar tudo nas mãos da escola, casais se separaram, outros se casaram. E infelizmente, tivemos muitas baixas, motivadas pelo descontrole emocional das criaturas. Vacinas foram disponibilizadas para o combate desse vírus mutante. Muitas revelações estão por vir e certamente irão impactar os habitantes desse planeta azul. As crianças continuam e continuarão sendo encomendadas, nascendo e crescendo.

Elas fazem parte do futuro desta nação. Precisamos orientá-las. E eu, Pedagoga do Universo, continuarei escrevendo para o senhor.

Professor, estou melhor interiormente, aprendi muito, tirei da minha estante alguns livros e assisti a filmes, documentários com temas relacionados ao comportamento humano. Percebo nitidamente um antes e um depois da pandemia. Um novo capítulo na história da humanidade. aguardo outras publicações que irão apontar um novo rumo para a educação no Brasil.

Aproveito para dizer que foi muito bom escrever esta carta, destinada a PAULO FREIRE que, durante 75 anos, esteve entre nós, errando, acertando, pesquisando e publicando. Um legado! Esse nome será citado por muito tempo.

E, para comemorar o seu aniversário? EU vou usar a minha vibração sonora para dizer: SOU GRATA! O senhor contribuiu para a minha formação acadêmica. Em setembro, no mês do seu centenário, estarei comemorando com os meus colegas essa oportunidade de homenageá-lo. Todos nós estaremos com saúde, paz no coração, com alguns desejos realizados e outros projetos encaminhados.

Somos amantes da educação!

Rita de Cassia da Silva Reis

CARTA AO AMADO MESTRE

Brasília, 24 de fevereiro de 2021.

Oi, Paulo!

Nunca havia me sentindo impotente quanto às minhas ocupações, porém, neste último ano, todas as situações estão diferentes. Trabalho de casa e virtualmente, uma coisa que jamais havia imaginado para a minha vida de docência. Sinto que a minha relação com os meus estudos também mudou, mas ainda não sei se foi para melhor ou para pior. Me senti como se houvesse chegado ao fim, antes de mesmo de tentar ver uma luz no do túnel. Ouso dizer que foi um dos momentos mais desafiadores da minha vida, tendo que ultrapassar barreiras jamais imaginadas.

Uma destas barreiras foi perceber o outro que estava e está ao meu redor. Não digo apenas das pessoas próximas a mim, como a minha família, porque sempre estamos juntos, mas principalmente dos meus alunos. Como eu perceberia uma necessidade desse aluno? Dentro dos nossos processos de aprendizagem toda linguagem nos ajuda – o corpo, os gestos, os olhos – e assim todo o conjunto de informações se forma. Dentro deste contexto pandêmico eu já não consegui mais ter a leitura geral dos alunos e ainda senti um afastamento do pertencimento à classe. Comecei a perceber meus alunos inseguros, desinteressados e com medo de que não pudessem aprender da mesma maneira.

Também assim senti os meus companheiros receosos, com medo e inseguros do que viria. É difícil escutar de um companheiro que ele já não se sente capaz para dar aulas depois de trinta anos de carreira. Indo contra tudo isso, eu senti, e ainda sinto, um apoio gigantesco dos meus familiares e da minha companheira. Sinto que nos momentos de fraqueza e de

dúvidas eles me lembraram de como devo ver-me e reafirmar-me como profissional mais do que capaz para este e qualquer outro momento.

Em diversos momentos eu pensei ter chegado ao limite do que eu poderia trabalhar ou me dedicar. Um deles foi quando eu não conseguia delimitar um espaço ou momento para o meu descanso, para arejar a mente e retomar com as forças necessárias para a “sala de aula”. A todo instante, seja de madrugada ou fim de semana, havia algum aluno enviando-me mensagens, perguntando sobre tarefas e ou assuntos da escola. Sei que para todos foi um momento mais que difícil e as dúvidas e incertezas eram imensas, mas eu realmente penso que esses momentos fizeram-me questionar muito como o meu trabalho estava sendo desenvolvido e como a minha relação com os meus alunos estava sendo desenvolvida dentro do meu trabalho.

A internet nos permitiu estar próximos nesse momento de pandemia, continuar com os ensinamentos e partilhas, mas como estabelecer um limite para algo que nos permeia 24 horas por dia, sete dias por semana? Estabelecer esse limite foi muito difícil e penso que mais difícil ainda foi para os alunos entenderem que esse limite existia.

Apesar de toda essa situação, nada supera o quanto aprendi e venho aprendendo com os meus alunos, com os meus companheiros de trabalho e amigos neste período. Esse foi o período da minha vida em que eu mais aprendi sobre a docência e as mais diversas situações nas quais podemos nos envolver. Imagino-me, neste próximo ano, uma profissional melhor, que aprende mais e desenvolve o que foi aprendido e que compartilha cada vez mais os ensinamentos.

Ao escrever esta carta eu sinto-me como uma profissional que se reinventa e não tem medo dos desafios

que possam acontecer ao longo da caminhada, mas também uma professora frágil que tem seus momentos de debilidade e inseguranças.

Sinto que a cada vez que reafirmo minhas dificuldades elas já não estão mais tão questionáveis em mim e tento, assim, trabalhá-las de alguma maneira. Espero que a cada passo seja mais fácil e que a caminhada continue valendo a pena, valendo cada compartilhamento e cada momento ao lado dos meus companheiros.

Abraço,

Mariana Fortunato

CEM ANOS DE PAULO FREIRE E A LEITURA DO MUNDO PÓS-PANDEMIA

Brasília, 12 de fevereiro de 2021.

Caro mestre Paulo Freire,

Gostaríamos de agradecer seu cuidado em nos escrever, trazendo por meio de suas palavras consideráveis contribuições para a prática pedagógica. Confessamos que sua carta nos encontrou em um momento delicado, que jamais havíamos imaginado. Estamos em meio a uma pandemia de Covid-19, causada pelo novo coronavírus. Fomos surpreendidos negativamente por essa doença que nos exige, além do isolamento social, o uso de máscaras e considerável resiliência. Infelizmente, esse contexto tem deixado grandes marcas, causando diversos problemas de ordem social, econômica e emocional.

Com tudo isso, acreditávamos que o ser humano se tornaria menos egoísta e consumista, mais altruísta e solidário, mas, novamente, não seremos mensageiras de boas notícias, caro mestre. É lamentável, mas o cenário mundial de vítimas cotidianas já não assusta tanto quanto deveria. Algumas pessoas vão além da indiferença e insistem em negar a gravidade da situação e recusam-se a adotar as medidas sanitárias e o distanciamento, necessários para a contenção da pandemia, mostrando, assim, que a falta de empatia revela um problema de ordem social. Imaginávamos que a descoberta da vacina contra Covid-19 em tempo recorde seria o notável acontecimento do momento atual, no entanto a pandemia revelou a complexidade do contexto histórico: a indissociabilidade entre ciência e sociedade, entre o objeto e o sujeito, entre a ação e a reflexão.

Mestre, a pandemia da Covid-19 desconstruiu todas as convicções que tínhamos de espaço, tempo, interação

social, família, escola, trabalho, lazer. As mudanças foram repentinas, abruptas, alcançando todas as pessoas, de todas as camadas sociais, de todos os países do mundo. A expressão “você precisa se reinventar” virou jargão. Mas esse foi justamente o grande desafio, a situação-limite estava posta: não estávamos prontos, gostaríamos que tudo continuasse normal; mas a mudança não era mais uma escolha.

A primeira grande mudança: o tempo pareceu parar! Passamos alguns dias para entender o que estava acontecendo, os trabalhos não-essenciais foram imediatamente suspensos, as escolas foram fechadas, os ambientes coletivos de lazer foram proibidos. A ideia inicial era parar e esperar a contenção do contágio, mas o tempo não foi nosso colaborador; a contaminação cresceu exponencialmente e o tempo não parou. Os resultados na escola, por exemplo, foram processos pedagógicos confusos e pouco produtivos, estudantes e professores estafados física e mentalmente, e o calendário escolar completamente desalinhado do calendário civil.

Ao ressignificar o espaço, a nossa casa deixou de ser apenas o lugar de descanso, de lazer e entretenimento familiar, para se tornar tudo isso e mais o escritório de trabalho dos adultos, a escola das crianças e jovens, o refeitório, o playground, a academia e o cinema, ampliando as possibilidades de utilização do espaço, mas acabando por comprometer a privacidade e a qualidade de vida das pessoas.

Talvez a brutalidade do próprio contexto tenha deixado nossas palavras bastante amargas e pouco otimistas. É certo que não podemos atribuir nada benéfico à pandemia que ceifou milhões de vidas ao redor do mundo. Entretanto, nas suas próprias palavras, foi preciso “tomar distância” para uma nova leitura, mais fiel do mundo durante a pandemia, para perceber que ao menos podemos

tomar lições a partir desse contexto, na perspectiva da transformação da realidade material que nos parece imposta. Ler o mundo numa perspectiva menos pessimista significa acreditar na práxis (reflexão-ação-reflexão), que a reflexão sobre a prática pode transformá-la. Consideramos que a educação pode assumir importante papel na medida que pode criar tempos e espaços para isso.

Nesse processo, há que se lembrar que a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Portanto esse exercício de ler o mundo, compreender o contexto pandêmico, se faz no domínio, na apropriação da cotidianidade. Ler a palavra, por sua vez, pode ser compreendida metaforicamente como: todo o esforço dos professores, profissionais da educação e estudantes para se apropriarem de conhecimentos, métodos, recursos, metodologias que permitiriam rápida adequação ao ensino remoto.

Nessa perspectiva, antes de apreender tais habilidades e competências, era preciso ler o mundo, o contexto em que vivemos, as implicações sociais, éticas, políticas, econômicas. Esse foi o grande desafio imposto às Coordenações Pedagógicas espalhadas pelo Brasil e pelo mundo, em especial pela Coordenação Pedagógica do IFB - Campus Ceilândia.

Enquanto pedagogas da equipe, na contramão das expectativas dos docentes por capacitação em tecnologias, metodologias ativas e instrumentação digital, nossos espaços de formação pedagógica centralizaram os esforços em debates, estudos e reflexões sobre os impactos do ensino remoto na vida dos atores da escola e sobre o cenário de exclusão social e econômica que se anunciava, especialmente por atendermos uma das comunidades mais carentes da capital do país.

Travava-se, assim, uma verdadeira batalha entre diferentes visões de mundo: de um lado, alguns professores sensíveis à delicada situação imposta aos estudantes; do

outro, uma maioria de docentes que apresentavam uma visão hegemônica do mundo, sem qualquer empatia ou criticidade. Mas houve pequenos avanços. Para que alguns se percebessem ensinantes aprendizes foi preciso que se abrissem ao novo, para reverem suas posições e repensem suas práticas.

Esta, portanto, foi a grande lição que a pandemia nos ensinou: o cenário de caos, completamente instável e inseguro, colocou-nos em uma posição de inevitável mudança.

Assim, imaginamos que no mês do seu centenário, setembro de 2021, ainda estaremos vivendo num mundo pandêmico. Ainda que a ciência tenha corrido contra o tempo em busca de diferentes vacinas, e os governos do mundo venham tentando, cada um a seu modo, controlar a pandemia, o coronavírus parece desafiar a humanidade, sofrendo mutações e tornando-se cada vez mais contagioso. Mas é certo que a humanidade terá se transformado; as relações interpessoais, as concepções de trabalho e lazer, de escola e cultura jamais serão as mesmas.

Na manhã do seu centenário, esperamos estar reunidas na escola, cheias de esperança e motivação para continuarmos nosso fazer pedagógico permeado de valiosas trocas formativas, inspiradas por suas obras; planejando ações de formação docente, para que o processo de ensino e aprendizagem aconteça em sua plenitude, buscando, nas suas palavras, a diferença em nossa cotidianidade educativa.

Naquele dia gostaríamos de oferecer como presente o nosso reconhecimento do legado enquanto educador, por nos inspirar na luta contra as diferenças sociais, por nos lembrar do compromisso ético, político e profissional que devemos ter com nossa própria formação, enquanto ensinantes.

Uma semente das suas ideias é lançada, por meio da nossa

prática pedagógica, a cada formação docente, a cada debate em favor da educação libertadora nos colegiados, na defesa de uma avaliação emancipatória nos Conselhos de Classe.

Ao escrever esta carta, experimentamos, em suas palavras, a relação de intimidade entre pensar, ler e escrever. Responder aos seus escritos, ainda que tardiamente, significou aceitar a sua sugestão: nos entregamos à tarefa de escrever algo. Se escrever é como nadar, este texto foram apenas as primeiras braçadas; certamente haveria ainda muito a dizer; porque ao nos distanciarmos do objeto (o mundo pós-pandemia), podemos compreendê-lo fielmente, podemos atuar sobre ele efetivamente.

Abraço,

Heula Tíssia Alves Moreira de Almeida
Márcia Pereira da Silva

DE ANINHA PARA O MESTRE

Brasília, 28 de fevereiro de 2021.

Mestre,

Hoje é dia 28 de fevereiro de 2021 e escrevo esta carta às vésperas de mais um encerramento. Não, não falo do fim deste mês carnavalesco. Amanhã, aqui na capital, encerrarão, mais uma vez, butiques, salões, restaurantes e bares. Essa cena vimos no ano passado: voos encerrados, fronteiras encerradas, pessoas encerradas. Tudo isso causa um grande desconforto, mas não mais do que o encerramento da própria vida.

Há tempos andam encerrando muita coisa querida. Em 2016, encerraram nossas escolhas, como quem encerra uma aula assim que bate o sinal. Um evento natural e incontornável diante dos desejos das multidões. No ano seguinte, em Curitiba, encerraram os ídolos e jogaram fora o resto de esperança que tínhamos. Daí pra frente, foi ladeira abaixo. Em 2018, encerrariam qualquer possibilidade de imaginar um diálogo entre pessoas comuns, porém diferentes. Muitas amizades foram encerradas. Em 2019, encerraram a Amazônia, a Cultura, a Educação, a Ciência. Ano passado, encerraram escolas, postos de trabalhos, auxílio emergencial, equipamentos básicos de EPI, cilindros de oxigênio, vagas de leito na UTI. Encerraram laços de família.

E, de novo, a partir de amanhã, não saberemos o que mais irão encerrar.

Mestre, sobre ensinar e aprender a ler o mundo e lançar a sua palavra nele, alguma coisa nos foi encerrada também. Mas eu não sei dizer bem o que é.

Então, escrevo em tom de desabafo feito por uma discípula ainda jovem que não entende muito o que ensina

e que procura respostas na sabedoria que só tem aquele que já viveu e sentiu demais nessa vida.

Pergunto ao senhor: o que faltou ser ensinado-aprendido por nós nesses últimos anos?

Por aqui se despede uma outra Aninha quase que também da Cidade de Goiás, só que um pouco mais pra cima.

Aguardo ansiosamente pela sua resposta.

Juliana Harumi Chinatti Yamanaka

CARTA ABERTA A PAULO FREIRE

Brasília, 24 de fevereiro de 2021.

Querido Paulo Freire,

O momento que estamos vivendo não chega nem perto do que você esperava para as relações humanas e para a educação. Estamos vivendo um momento conturbado, cheio de incertezas e inseguranças. A pandemia provocada pelo novo coronavírus (Covid-19) mudou a forma das relações sociais entre os seres humanos. Nesse novo contexto houve uma mudança brusca na rotina de pessoas que, de certa forma, nunca tiveram que passar tanto tempo trancadas dentro de casa. Para se ter uma ideia do quão grave é, no momento em que te escrevo esta carta, o fechamento parcial ou total das escolas e universidades devido à pandemia do coronavírus ainda afeta milhares de estudantes no mundo inteiro, que ainda sofrem com as desigualdades sociais que nos assolam.

Você, que sempre foi um grande defensor da diversidade, que sempre lutou por uma educação na qual os estudantes tivessem autonomia e desenvolvessem pensamento crítico e tivessem boas condições e equidade nos estudos, não ficaria feliz com o momento em que estamos vivendo. Diversas crianças, jovens e adultos que buscam uma vida melhor por meio da educação, não estão tendo o mínimo de dignidade no acesso a educação e sofrem com o descaso das autoridades governamentais.

Você, Paulo, é lembrado por lutar por um novo tipo de educação que fosse capaz de dar autonomia às classes dominadas por meio do diálogo e de uma educação emancipadora.

Estamos vivendo um mundo completamente diferente do que existia. Subitamente, abraçar, beijar, estar junto com as pessoas que você ama de maneira presencial tornou-se proibição médica.

Até mesmo um singelo aperto de mão, tão simples e comum, precisou ser ressignificado. Os encontros presenciais deram lugar aos encontros virtuais, o beijo e o aperto de mão deram lugar às chamadas de vídeo pelo celular, escolas e ambientes de estudos deram lugar a plataformas digitais de estudo e com isso se tornou ainda mais evidente o quão injusto é esse mundo em que vivemos, uns com tanto e outros sem absolutamente nada. Tudo está diferente, e é imprudente dar prazos de quando as coisas irão voltar à normalidade. A sensação é de desamparo e com isso é necessário muita força de vontade para seguir em frente.

É cada vez mais notório que as pessoas estão vivendo no limite, ensino remoto, aulas a distância, dificuldades financeiras, muitos passando as mais necessidades, cada um sabe onde “aperta o calo” e por isso é extremamente necessário um momento de união, em que um possa ajudar o outro na medida do possível. Apesar de não estarmos juntos fisicamente, é fundamental que estejamos juntos com uma palavra amiga, uma mensagem de conforto e busquemos vencer esse momento desesperador pelo qual estamos passando. Paulo, estamos vivendo um momento histórico e, olha, te falo que não é nada fácil. Mais uma vez afirmo: esse momento atual escancarou as desigualdades. Tantas situações de desespero, desemprego, muitos sem acesso ao mínimo de dignidade para sobreviver... É, não está nada fácil. Esse momento também deixou evidente a maldade do ser humano, muita falta de empatia com o próximo.

Enfim, acredito muito que a educação seja um fator primordial para auxiliar as pessoas. Eu espero que quando

tudo isso acabar, possamos ter um mundo melhor para viver. A educação, que você tanto defendeu, e defende até hoje com seus conceitos e pensamentos, é e sempre será fundamental para a reconstrução dessa sociedade tão injusta em que vivemos atualmente. Acredito firmemente que ela pode transformar vidas e tenho o propósito de transformar vidas através do exercício docente. Essa é a mensagem que quero deixar a você para o seu centenário, além de agradecer por todos os ensinamentos, que nos mostram como devemos valorizar a diversidade, a autonomia, a educação como prática de liberdade e o diálogo.

Escrever esta carta foi uma experiência maravilhosa. Me senti extremamente aliviado, pois pude expressar a você meus pensamentos, falar um pouco sobre esse momento conturbado que estamos vivendo e sobre meu sentimento. Precisamos acabar com a exclusão e para isso é necessário ter educação de qualidade para todos, conscientização e inclusão.

Com carinho,

Leonardo Mendes

REFLEXÕES À PAULO FREIRE

Brasília, 12 de fevereiro de 2021.

Olá, Paulo Freire!

Diante do contexto em que estamos vivendo creio que em setembro do ano de 2021, no centenário de Paulo Freire, ainda estaremos convivendo com a presença do Covid -19.

Acredito que para chegarmos em um contexto pós-pandemia, mesmo com a chegada da vacina, ainda vai demorar, mas acredito que com essa demora a população estará bem mais consciente sobre o que é e como é causada essa doença e respeitará as medidas de prevenção contra o coronavírus, isto é, fazendo uso de máscaras, usando álcool em gel, lavando sempre as mãos ao chegar em casa e evitando aglomerações.

Antes disso tudo, minhas aulas administradas pelos professores eram de maneira presencial, mas no contexto da pandemia passaram a ser de maneira remota. Antes podíamos estar todos juntos, e agora, não. Por causa da transmissão do vírus, temos que assistir aula separados, colegas e professores, cada um na sua casa.

Acredito que, no seu centenário, Paulo Freire, conforme as coisas estão, as aulas continuarão sendo administradas de maneira remota, pois muitos alunos e alguns professores esperam que as aulas sejam de maneira presencial.

Os professores tiveram que se adaptar ao ensino remoto e aprender junto com os seus alunos algumas coisas que o ensino presencial não tem. Eles reclamam estar sendo difícil a adaptação dos conteúdos do ensino presencial para o ensino remoto, bem como assistir às aulas. Todos, tanto do ensino médio quanto do curso de formação de professores

do qual faço parte alegam que essa rotina afeta sua saúde. Eles acabam por passar muitas horas em frente aos aparelhos eletrônicos, assistem as aulas e ainda precisam administrar os problemas de conexão de sua internet. Isso tudo acaba gerando desistências seja por não conseguirem acompanhar as aulas dadas ou por problemas de saúde.

No livro *Pedagogia da Autonomia* você diz que “o professor está predisposto a mudança à aceitação do diferente” (Freire, 1996, p. 26). Então, o professor é um aprendiz e aprende quando ensina, ou seja, todos aprendem com todos, tendo em vista que somos seres inacabados e o conhecimento não é algo finito.

Caro Paulo Freire, em seu centenário, você poderá receber muitos presentes, mas, a meu ver, o maior deles é saber que muitas pessoas aprenderam com o seu legado, já que é um grande educador!

Sua pedagogia humanista, social e inclusiva, mudou a história da educação. Os ensinamentos passados ao longo de suas palestras e seus livros trazem a certeza de que seu legado são os alunos e professores que adoram as suas práticas educativas.

Aluno e professor devem lutar pelos seus direitos de terem uma educação mais humanista e transformadora em defesa de uma sociedade mais justa.

Paulo, cada conceito proposto por você na minha opinião é uma janela para entrar e admirar o mundo, nosso mundo, nosso estar sentindo, nossa luta, nossa amorosidade. Cada conceito seu apresentado por seus ensinamentos a qual abre outra porta para entrar em sua proposta pedagógica, que é uma chave para proporcionar o mundo .

Admirar o mundo e tomar distância dele para melhor ler tanto a origem das relações de opressão como da

capacidade de luta e de resistência que se realiza na esperança que se realiza na esperança de uma sociedade que se realiza na esperança de uma sociedade que necessita reinventar de baixo para cima, para que, entre outras coisas, seja menos difícil amar, pois sua visão de mundo nos convida a parar e admirarmos o mundo, não para tomar distância dele, mas para recolher o véu que o silencia .

Um abraço,

Murilo Eduardo Souza Nascimento

POEMA DEDICADO A PAULO FREIRE

Brasília, 12 de fevereiro de 2021.

Paulo Freire,
Nos dias de hoje lutamos um combate que não é fácil, não
Seu nome é nada menos que o desmonte da educação.

Paulo Freire,
Nos empreste sua sabedoria,
Pois o menino pobre e oprimido
Não tem quem por ele lute.

Eles usam coturnos e pólvora,
Nós só livros na mão.
O oprimido chora, sem chão.
É a ditadura, ela nos devora, irmão.

Paulo Freire,
O mundo enlouqueceu
Mas seja onde estiver não precisa se preocupar
Pois com o seu conhecimento o jogo vamos virar.

A criança oprimida
Sem educação nem pão
Sem precisar de farda ou de pólvora
Vencerá na vida graças à educação.

Léia Moreira Marques

QUERIDO MESTRE

Brasília, 12 de fevereiro de 2021.

Querido Mestre Paulo Freire,

Que prazer poder te enviar esta mensagem em comemoração ao seu centenário. Imagino que, de certa forma, deva estar em paz e realizado com todo bem que fez à humanidade.

Gostaria de informa-lhe que o tempo em que estamos vivendo atualmente não está nada fácil. Estamos passando por uma pandemia! Infelizmente, estamos perdendo muitas pessoas, inclusive eu perdi várias pessoas da minha família e também o meu pai, que era um herói, assim como o senhor.

Imagina, senhor Paulo Freire, como está sendo difícil esses últimos dias. Confesso que parece que estou sufocada, sem respirar.

Não sei se o senhor sabe, mas parece que voltamos no tempo. Gostaria de saber o que o senhor faria se estivesse aqui vendo que não podemos retornar tão cedo para a escola. Sabia que a sala de aula virou um refúgio pra uma grande parte da humanidade?! Aqui há muitas pessoas que o admiram muito, inclusive eu.

A falta de uma educação de qualidade, está gerando pessoas injustas e desumanas. Seria muito bom se estivesse aqui para ensiná-las que: "Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção."

Com esperança,

Léia Moreira Marques

MENSAGEM PARA O MESTRE

Brasília, 01 de março de 2021.

Querido Paulo Freire,

Falo aqui do ano de 2021, primeiro dia do mês de março. E parece que foi ontem que estávamos pensando em como íamos passar a virada do ano de maneira segura, sem aglomerações e com pessoas que amamos. Sim, esta é uma preocupação do momento e, pelo jeito, será por um bom tempo.

O mundo assolado por uma pandemia há mais de um ano e aqui em Brasília é como se estivéssemos vendo tudo que aconteceu novamente no mesmo período do ano passado: comércios fechados, restrição de circulação e escolas fechadas.

Falando em escola, esta, como sempre, está passando pela oportunidade única (mesmo que forçosamente) de se reinventar. Veja só, estávamos indo por um caminho muito insano, fazendo da escola um campo de batalha de opiniões e maneiras diversas de ser e de fazer as coisas, todos querendo ter o mesmo espaço, a mesma voz, tudo ao mesmo tempo. Imagine só o senhor a loucura que estávamos vivendo. Sabemos bem que a escola não é e nunca será um ambiente de falsa pacificidade, mas, acredite, as discussões estavam indo para um lugar deveras preocupante.

Surgiu, inclusive, o movimento "Escola sem Partido", através do qual a figura do senhor e toda a sua contribuição para a educação brasileira estava sendo totalmente desconsiderada e até ridicularizada. A escola estava sendo manchada por um clima de ódio e desavença, e o que era mais importante, e que o senhor tanto ressaltava em seus estudos, não estava sendo visto: somos seres humanos

aprendendo a ser um pouco melhores e a educação tem um papel primordial nisso.

Mas, voltando aqui para o nosso período mais atual e falando um pouco do papel do professor neste cenário pandêmico em que os estudos têm sido remotos, sinto que vamos dizendo “adeus” para uma educação que resistiu por décadas em se permanecer essencialmente bancária. Tinha que ter mesmo aquele “cutucão” para sairmos do lugar, mesmo que isso ainda tenha levado 24 anos após a sua passagem.

Veja bem o senhor: um estudante tendo aulas remotas à frente de um computador ou celular, faz algum sentido o professor tratar os temas de uma maneira bancária sendo que o aluno pode encontrar aquela mesma informação até de maneira melhor e mais completa fazendo uma simples navegação de segundos pela internet? Olha só que oportunidade rara que estamos tendo de fazer nascer a tão falada pelo senhor “Educação Problematicadora”.

Aliás, temas problematizadores para discussão não faltam. Se o senhor estivesse aqui, ia presenciar um cenário político, social e econômico não muito diferente do seu tempo, ia ter até a sensação de que o tempo não tinha passado para determinados aspectos. É, ainda estamos nessa de dar voltas e parar no mesmo lugar.

Sim, senhor, ainda bradamos aos sete ventos por uma escola pública, gratuita e de qualidade, mesmo que fortes correntes de ar nos atravessem trazendo o velho bafo das privatizações. Ah... essa ideia me faz lembrar uma frase sua de 1980, do livro *Conscientização*, e como ela faz tanto sentido ainda nos dias de hoje: “Na medida em que cresce o antagonismo entre os temas que são a expressão da realidade, os temas da realidade mesma possuem tendências a serem mitificados, ao mesmo tempo que se estabelece um clima de irracionalidade e sectarismo.”

É, meu querido parceiro de revoltantes inquietações, a polarização se instaurou com força e veio com dose extra de negacionismo da realidade.

Mas tá bom, né? Vamos falar de coisas boas! Pra fechar com um clima mais leve.

A nossa querida escola está aí resistindo bravamente a qualquer ameaça e se reinventado. Muitas famílias hoje reconhecem um pouco mais o papel do professor e eu creio, assim como você, que ainda vamos presenciar momentos mais áureos para a nossa educação e poderemos escrever uma outra carta em breve te contando que fizemos muitos avanços, que realmente passamos a valorizar a nossa relação familiar, a escola, os profissionais da saúde e não vou muito longe: o valor de um abraço!

E é com um abraço que quero terminar esta carta, dizendo ao senhor que venham mais 100 anos de Paulo Freire!

Kamilla Mizuno

DIÁLOGO SOBRE CIÊNCIA NUMA TARDE DE CHUVA

Pontes e Lacerda - MT, 26 de fevereiro de 2021.

Querido Paulo Freire,

Hoje tivemos uma tarde chuvosa, muito propensa à nostalgia e à reflexão. Sobre esta, num contexto de pandemia ocasionada por um vírus, tivemos, para além das preocupações relacionadas à saúde e aos cuidados básicos para evitar a disseminação da doença, a preocupação com inúmeras afrontas à ciência. Não é novidade que haja questionamento sobre intencionalidade e/ou validade quando se trata de ciências humanas, porém, questionamentos sobre uso de vacina e terraplanismo nos colocam frente à necessidade de uma vez mais questionar o papel das educadoras e dos educadores nos processos de ensino e aprendizagem na formação cidadã.

Uma formação verdadeiramente cidadã deve mobilizar nas pessoas a curiosidade e o consequente ímpeto investigativo. Em sentido contrário, estão em voga duas tendências tão nocivas quanto perigosas. A primeira delas perverte o real significado do “ceticismo” e promove a desconfiança das informações apresentadas por cientistas com base em informações imprecisas obtidas em grupos de *WhatsApp*. Ora, sabemos desde Descartes que a dúvida cética é a mãe do conhecimento, mas o negacionismo não se parece em nada com essa bela postura promovida pelos modernos e aprofundada pelos seus escritos. Ao contrário, refugiar-se em conspirações e negar os fatos consiste na atitude de quem prefere permanecer no interior da caverna a encarar a aventura que representa a conquista da verdadeira autonomia.

A segunda tendência que se descortina em nosso tempo é uma atualização do bom e velho mito da neutralidade (nem tão bom, mas certamente velho). Programas de televisão e internet promovem debates sobre

grande questões e, para não serem acusados de tendenciosos, abrem espaço para cientistas renomados e também para youtubers raivosos e contrários à ciência.

Do alto de sua imparcialidade, os âncoras de tais atrações nos dizem: “para que você forme sua própria opinião, trouxemos hoje uma infectologista que explicará a importância da vacinação e um influenciador digital que defenderá os riscos de se virar jacaré após tomar o imunizante”. Felizmente, lemos a Pedagogia da Autonomia e, por isso, não cairemos em tal armadilha.

Afinal, aprendemos que não existe neutralidade que não beneficie o opressor. Se consideramos em pé de igualdade tanto o discurso desonesto do negacionista - que nos convida a entrar em sua caverna de conspirações - como o discurso daqueles que nos convidam verdadeiramente a investigar a realidade a partir das evidências, então já entraremos em campo derrotados. Nunca foi tão relevante a distinção entre informação e conhecimento, assim como jamais vimos período no qual fosse tão urgente a compreensão de que a intencionalidade do ensino deve ser clara, libertadora, com vista à autonomia daquele que aprende. A relação precisa ser dialógica, e para isso é preciso denunciar o negacionismo, pois este foge do debate ao se refugiar num mundo fictício de devaneios e sombras.

O trabalho pedagógico tornou-se mais extenso durante a pandemia porque a maioria dos professores não possuía experiência e/ou formação para trabalhar no ensino não presencial e as questões administrativas também exigiram mais tempo com o surgimento de relatórios somados aos registros habituais nos diários de classe. Houve demasiada incerteza sobre o possível retorno às aulas presenciais durante o primeiro semestre de conteúdos novos e de estratégias de recuperação processual, situação que no segundo semestre foi

amenizada com a confirmação de aulas não presenciais até o final do ano letivo.

Outra questão desafiadora foi o trato com estudantes e seus responsáveis, que tiveram de ser educados para assistirem às aulas via internet, já que em muitos casos, era a primeira experiência nessa modalidade de ensino. Pior ainda foram aqueles que tiveram de se contentar com o uso de atividades impressas e explicações enviadas por escrito, salientando uma vez mais as assimetrias sociais no país.

Houve propostas de converter os recursos destinados à impressão dos livros adquiridos pelo Governo Federal para a compra de aparelhos com acesso à internet, porém, tais intenções não se concretizaram. Já as provas de seleção para ingresso em cursos superiores - a exemplo do ENEM - foram aplicadas sem levar em consideração a exposição dos candidatos aos conteúdos do terceiro ano do ensino médio. Será que houve criação de sentido para esses alunos estudarem durante o ano de 2020? Será que a maioria dos estudantes estava emocionalmente preparada para a realização desse tipo de processo seletivo correndo o risco de se infectar durante as mais de 3 horas de realização dos exames?

Outra dúvida comum nas conversas entre os professores era tentar imaginar o que você, Paulo, faria numa situação como essas. Sabemos que a escola é uma instituição do conhecimento, mas também é do acolhimento. Será que esses alunos foram acolhidos em algum momento? E os nossos colegas professores, que tiveram suas casas invadidas pelo trabalho? Eles foram acolhidos por alguém nessa sociedade capitalista? Pensamos que não. E pensamos que aqueles professores que se mostram abertos ao diálogo e se preocupam com sua práxis docente tiveram que fazer das tripas coração, criando atividades menos cansativas ao mesmo tempo em que não subestimassem seus alunos.

Do nosso lugar de fala, que é o de um professor de filosofia e de um professor de espanhol, sabemos da força das linguagens na criação do imaginário social e vimos que o negacionismo se fortaleceu com base em discursos sobre o ódio, disseminados com muito mais força desde o período eleitoral de 2018. As *fake news* tornaram-se um importante campo de estudos transdisciplinares, e as redes sociais, um veículo de comunicação implacável e decisivo na escolha de candidatos elegíveis e eleitos, infelizmente, num movimento que até tentou lhe tomar a força o título de patrono da educação brasileira que tanto lhe faz jus.

“Fora Paulo Freire” foi o ápice da demonstração da ignorância por parte de uma sociedade oprimida desde a sua colonização. Cabe a nós, professores, participarmos de um processo de aprendizagem que seja libertador e o trabalho como princípio educativo pode sim ser libertador, pode ser integral e pode mudar as estruturas sociais no país. Técnica e reflexão não são opostos, como o Taylorismo e o Fordismo podem fazer parecer. A união da mente e do corpo são possivelmente a solução para a dicotomia que sempre assola as camadas menos favorecidas e que precisam conciliar trabalho e estudo desde muito cedo e o elemento que une essas duas pode ser o coração. Uma educação afetuosa e amorosa tende, segundo você mesmo, a potencializar o ato de educar e o processo de aprendizagem.

As professoras e os professores brasileiros ainda são desvalorizados socialmente e, sempre que possível, há a tentativa de transformar as causas pelas quais lutamos em algo negativo ou em regalia, sendo que somos nós os responsáveis pela formação em todos os níveis de ensino. Os salários seguem entre os mais baixos para os cargos de ensino superior no país e as gratificações para as titulações são, em muitos casos, desestimulantes. A feminilização da

docência, sobretudo nos níveis iniciais, reforça os discursos que deslegitimam as causas pelas quais lutamos e atribuem o fazer docente a dons naturais ou ao amor pela profissão, embora nada disso pague as contas no final do mês. Não é aí que entra o amor, o afeto, é na relação com o outro e que não está restrita ao ambiente acadêmico. Ela pode começar na sala de aula, mas precisa ser levada para fora dela a toda a sociedade, que por sua vez deve estar embasada no bem-estar social.

Pensamos, Paulo, que esse é o nosso maior desafio e que, por mais que pareça difícil, é possível de ser alcançado não só pela utilização de palavras bonitas em publicações de artigos científicos, livros, teses, mas pela corporificação desse discurso, pelo exemplo, como foi no seu caso.

Desejosos de que essas palavras pudessem serem ditas pessoalmente a você, se despedem com um abraço afetuoso,

Geovane César dos Santos Albuquerque

Renato César Cani

NOTÍCIAS A PAULO FREIRE: SOBRE A BONITEZA DO MUNDO

Sobradinho, DF, 06 de março de 2021.

Querido Paulo,

São 6h da manhã, a luz do dia mistura-se em cores no céu, posso escutar o cantar de alguns pássaros. Uma sensação de calor de humana ternura me acompanha quando neste momento penso no poder das palavras na minha vida. Já aqueci a alma com uma grande xícara de café e estou me organizando para mais um dia de atividades. Nunca, em toda a minha vida será possível esquecer sua presença. “Meu caro amigo, me perdoe por favor se não lhe mando uma notícia”.

Paulo Freire, passei o dia inteiro sem pegar nesta carta, acho que ela é minha “Felicidade Clandestina”, quero poder estar com ela o tempo que eu quiser, você sabe o que isso significa? É mais do que para sempre. Estava olhando algumas fotos, a janela do quarto está aberta, uma brisa refrescante entrando pela janela e o pensamento encontrando terreno.

Querido, é um momento de nostalgia. Um amigo mais cedo enviou uma mensagem, estava cozinhando, mandou até uma foto. Engraçado como essas modernidades fazem parte da nossa vida. Mas ele estava cozinhando por saudade de alguém amado, a memória também está para o tato, o olfato, o paladar e outros sentidos. Na mensagem que me enviou estava assim escrito: “Você foi um presente na minha vida!”.

Uma amiga enviou algumas fotos depois, essas que estou no quarto olhando. Disse estar emotiva. Cada foto narra uma história de partilha, fiquei emotivo também, confesso que uma lágrima escorreu. Lembrei de uma coisa que você me ensinou, a de que a boniteza da vida está no ser que estar sempre sendo. Talvez seja isso, as saudades que sentimos são formas de amar.

Lembrei de Lindalva, das nossas reuniões de

preparação da Semana Paulo Freire no Centro Cultural do Alto Vera Cruz. A palavra boniteza eu aprendi a usar com ela, mas a ler o mundo foi com você mesmo. Lembra do cordel que fiz do encontro no céu de Paulo Freire e Augusto Boal? Foi para uma dessas semanas. Lindalva sempre dizia que tínhamos que fazer tudo bem bonito e pensando no outro. Ela dizia que você iria gostar. Depois desse cordel você já encontrou com tantas outras pessoas por aí.

Paulo, queria te pedir um favor, sei que faz tempo que não te escrevo, não é por falta de vontade, mas pela dureza das coisas por aqui. Mas voltando ao pedido, se encontrar com o meu sobrinho por aí diz a ele que o amo. Eu sei que ele sabe disso, mas é que as vezes dizemos tão pouco. Ele vai gostar muito de conversar com você, gostava tanto de ler. Uma vez ele veio me ver, me deu um abraço tão apertado, disse que estava bem, que era para eu ficar bem também.

Não sei se você vai lembrar de um boneco seu que ficava na Biblioteca do Centro Cultural do Alto Vera Cruz, eu sempre lembro. Foi nessa biblioteca que conheci grande parte da sua obra. A Lindalva dizia que eu precisava ler, ficar esperto para não "dar milho para bode", eu sempre achava essa expressão tão engraçada. Hoje mais cedo eu falei com a minha mãe, queria saber o que eu tinha feito ao longo do dia. Disse que fiquei o dia pensando, mas não pensamento específico.

Querido Paulo Freire, parece que aqui na Terra não estamos só jogando futebol, continua com muito choro, mas o samba e *Rock and roll* precisaram do distanciamento social, uns dias chove, em outros fazem Sol. Eu queria poder te dizer que a coisa aqui está boa, mas depois que você se foi algumas coisas aconteceram.

Nos configuramos como uma sociedade que banaliza cada vez mais a morte, parece que somos capazes de matar

duas vezes ou mais. Pois não me refiro somente da morte como a perda da vida, mas de como a vida é banalizada socialmente. Nos matamos como sociedade e isso, aparentemente é normal. Está presente quando presenciamos a violência racial no nosso país, quando não sabemos e nada é feito efetivamente para descobrir quem matou Amarildo ou Marielle, quando vemos crianças como Ágatha assassinadas por balas perdidas, quando vemos mulheres negras, como Claudia que foi arrastada por 350 metros por uma viatura da Polícia Militar na zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Cultuamos a morte com os museus incendiados, quando matamos ecossistemas com rejeitos minerais.

Nos matamos como sociedade até quando é negado o legado de Paulo Freire, quando a ciência é atacada, as Universidades públicas e os professores. Mas a periferia é, por excelência, o local de luta para matar a morte em uma sociedade que vivencia a elaboração autoritária de um passado negacionista que apaga a ditadura militar, lugar de jovens negros estrangulados por seguranças, também negros, de supermercados.

Quando digo que a periferia é o lugar por excelência de luta para matar a morte, não o faço de maneira pretenciosa, mas com o intuito de reafirmar que sempre foi o território mais afetado por essas questões. A periferia constantemente precisou lutar contra tudo o que apresentei anteriormente e, de certa maneira, é o local mais afetado. O Brasil normatizou e segue normatizando colonialidades ao estabelecer suas memórias oficiais em um processo opressor das classes populares.

Talvez, por nos impor uma condição de fragilidade, o sofrimento nos deixa mais próximos do que somos. De alguma forma, distancia-nos da razão e nos envolve numa sensação perene de fim, como se nos aproximasse da morte. A pandemia da Covid-19 consegue provocar esse sentimento. O processo de sua contingência não possui

escalas somente epidemiológicas, mas com impactos sociais, econômicos, políticos, culturais e históricos sem precedentes na história das epidemias. Os dados crescentes de infectados e mortes desnudam diversos outros problemas sociais que vão desde o impacto nos sistemas de saúde, hábitos culturais de higienização, evidenciação de populações e grupos sociais vulneráveis, passando também por questões de saúde mental da população em tempos de confinamento, a sustentação econômica das pessoas, o temor pelo risco de adoecimento e possível morte, e até mesmo o acesso aos bens essenciais como alimentação, por exemplo.

Querido Paulo, assim nós vamos seguindo. Desejando vacina para todos, todas e todes. Eu disse que muita coisa mudou depois que você se foi. Pode parecer que não avançamos muito, mas ainda encontramos pessoas que valem a pena caminhar juntos. Em meio a toda essa tristeza da pandemia de coronavírus, aparece um sentimento que nenhuma palavra pode descrever. Deve ser a vontade de viver. Voltei a escrever, tenho muitas inquietações com a minha escrita, pois quero que seja algo útil no processo de transformação social.

Vou deixar meu abraço afetuoso, o tempo passou mais rápido do que esperava. Vou separar alguns textos que preciso ler, também tenho que fazer um bolo. Ainda gosto muito de fazer bolos. Podíamos comemorar nossos aniversários juntos, acho que é uma boa ideia. O meu é quatro dias antes do seu, faço uma festa daqui e você outra daí. Queria contar mais coisas, mas sei que você conhece o que é essencial. Envio esta carta com um grande desejo, o de que amanhã possa ser melhor.

Com amorosidade,

Wellington Pedro da Silva

Referências

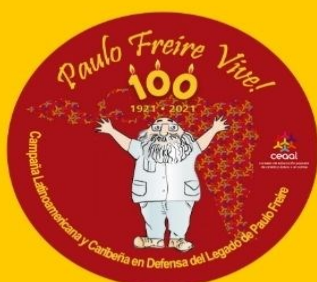
BOSI, Alfredo. **Literatura e Resistência**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

CÂNDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**. São Paulo: Cortez, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática docente. 63 ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 1996.

De todos nós, cartas a Paulo Freire nasce do desejo de diálogo com o Patrono da Educação Brasileira em seu centenário. Estudantes do curso de Letras / Espanhol e os membros do Grupo de Estudos e Pesquisas em Organização do Trabalho Pedagógico e Formação Docente (Gefor) foram convidados a escrever cartas a Paulo Freire tratando do momento histórico vivido, isto é, da pandemia do Covid-19. Nessas cartas os remetentes expõem suas percepções como sujeitos históricos inseridos nesse contexto, tanto de si quanto do outro, pois a conscientização “não pode existir fora da práxis, ou seja, fora do ato 'ação - reflexão'. Essa unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser, ou de transformar o mundo, e que é próprio dos homens” PAULO FREIRE, 2016.



INSTITUTO FEDERAL
Brasília

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

